

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA**

**GIOVANI BASTIANI ROGGIA**

**O IMPACTO DE GUERRAS CIVIS SOBRE A CONFIANÇA INTERPESSOAL:  
UM ESTUDO CROSSNATIONAL**

**Porto Alegre  
2019**

**GIOVANI BASTIANI ROGGIA**

**O IMPACTO DE GUERRAS CIVIS SOBRE A CONFIANÇA INTERPERSOAL: UM  
ESTUDO CROSSNATIONAL**

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência Política.

Orientador: Prof. Dr. Henrique Carlos de Oliveira de Castro.

**Porto Alegre  
2019**

### CIP - Catalogação na Publicação

Roggia, Giovani Bastiani

O impacto de guerras civis sobre a confiança  
interpessoal: um estudo crossnational / Giovani  
Bastiani Roggia. -- 2019.

58 f.

Orientador: Henrique Carlos de Oliveira de Castro.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências  
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciência  
Política, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Confiança interpessoal. 2. Guerra civil. 3.  
Sociedades pós-conflito. 4. Cultura política. I. de  
Castro, Henrique Carlos de Oliveira, orient. II.  
Título.

**GIOVANI BASTIANI ROGGIA**

**O IMPACTO DE GUERRAS CIVIS SOBRE A CONFIANÇA INTERPESSOAL:  
UM ESTUDO CROSSNATIONAL**

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência Política.

Orientador: Prof. Dr. Henrique Carlos de Oliveira de Castro.

Aprovado em Porto Alegre, 21 de fevereiro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Henrique Carlos de Oliveira de Castro – orientador  
UFRGS

---

Profa. Dra. Sônia Maria Raincheski  
UFRGS

---

Prof. Dr. Elvis Bisong Tambe  
UFRGS

---

Prof. Dr. Daniel Jaime Capistrano de Oliveira  
University College Dublin

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha família, sem a qual a conclusão desta etapa teria sido impossível. Em especial, agradeço a minha noiva (e em breve esposa) Jéssica Charão pelo infinito carinho e paciência durante a execução desse projeto, e por ter sempre me motivado a ir atrás de meus objetivos (you are not a tree, lembra?), e a minha mãe, Cecília, por ter sempre me ensinado o valor da educação e do conhecimento e me auxiliado com todas suas forças em todas as etapas que me trouxeram até aqui. Agradeço também minhas irmãs, Larissa, Isadora e Sofia, e meu irmão, Victor, pelo carinho e confiança que sempre depositaram em mim. Sem vocês não teria sido o mesmo.

Agradeço também a todos os mestres que tive nessa caminhada. Em especial, gostaria de mencionar dois: a professora Sonia Ranincheski, que foi fundamental para que eu recuperasse a confiança em mim mesmo depois de anos fora da academia, e para que eu optasse por seguir esta carreira tão desafiadora; e o professor Henrique Carlos de Castro, meu orientador que tanto me ajudou a planejar e executar este e os próximos passos. Estes dois mestres fizeram o possível e o impossível para que sempre tivéssemos a melhor experiência de aprendizado possível dentro do PPG, e servem de modelo para o profissional que eu almejo ser no futuro (um pouco de cada um!).

Por fim, gostaria de agradecer a todos meus colegas queridos com quem tive o prazer de compartilhar esta jornada. Em especial, gostaria de mencionar Jéssica Duarte, Daniel Oliva e Adriana Albanus. Muito obrigado pela amizade e pelo companheirismo, pessoal!

## RESUMO

Este estudo investiga o impacto de guerras civis sobre a confiança interpessoal. A confiança interpessoal é geralmente associada a um grande grupo de resultados desejáveis, como a estabilidade democrática, o desempenho institucional e o crescimento econômico. No entanto, há evidências empíricas de que a confiança está em declínio em diversas sociedades avançadas. Assim, a questão de como a confiança é formada e quais fatores impedem sua formação torna-se essencial. Os estudos de guerras civis tem se preocupado principalmente com a construção da paz e o crescimento econômico pós-guerra. As consequências sociais e atitudinais das guerras civis permanecem subexploradas e pouco estudadas. Particularmente, há uma ausência notável de estudos de natureza *crossnational* sobre o impacto de guerras civis em valores e atitudes, especialmente a confiança interpessoal. Dessa forma, este estudo pretende contribuir tanto com os estudos sobre guerras civis como com os estudos sobre confiança. A hipótese é que guerras civis têm um efeito negativo sobre a confiança. Ele combina dados de nível individual provenientes do World Values Survey com dados sobre conflitos do Uppsala Conflict Data Program e variáveis de nível nacional do Banco Mundial em modelos de regressão multinível para testar o impacto de guerras civis sobre a confiança interpessoal. O estudo não encontrou uma relação estatisticamente significativa entre a ocorrência de guerras civis e a confiança social. A intensidade do conflito também não apresentou associação com a confiança. A duração do conflito, por outro lado, possui está negativamente associada à confiança interpessoal generalizada. Por fim, os resultados são discutidos à luz das dificuldades que envolvem a investigação de sociedades pós-conflito. Variáveis referentes a diferentes teorias sobre a formação da confiança também foram testadas e brevemente discutidas.

**Palavras-chave:** Confiança Interpessoal. Guerra Civil. Sociedades Pós-conflito. Cultura Política.

## ABSTRACT

This study investigates the impact of civil wars on interpersonal trust. Interpersonal trust is usually associated with a host of desirable outcomes, such as democratic stability, institutional performance and economic growth. However, there is empirical evidence from longitudinal survey research that trust is in decline in most societies. Hence, questions about how trust is formed and which factors prevent its formation become essential. Civil war research has been concerned mostly with peacebuilding and postwar economic growth. Societal and attitudinal consequences of civil wars remain understudied. Particularly, there is a remarkable lack of cross-country studies on the impact of civil wars on values and attitudes, especially interpersonal trust. Therefore, this study seeks to contribute to both civil war and trust research. The hypothesis is that civil wars have a negative effect on trust. It combines individual-level data from four waves of the World Values Survey, conflict data from the Uppsala Conflict Data Program and country-level variables from the World Bank in multilevel models to test the impact of civil wars on interpersonal trust. The study found no statistically significant relationship between the occurrence of civil wars and social trust. Conflict intensity was also found to be unrelated to trust. Conflict duration, on the other hand, has a negative and statistically significant association with trust. The study then discusses the results and in light of the difficulties of investigating postconflict societies. Variables related to different theories on trust formation are also tested and briefly discussed.

**Keywords:** Interpersonal Trust. Civil War. Postconflict Societies. Political Culture.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Modelo 1 – Casos no nível 2 agrupados pela variável independente.....	29
Tabela 2 - Modelo 2 – Casos no nível 2 e variáveis de interesse.....	30
Tabela 3 - Modelo 3 – Casos no nível 2 e variáveis de interesse.....	31
Tabela 4 - Modelos 4 e 5 e variáveis de interesse.....	32
Tabela 5 – Frequências sem ponderação por grupo.....	34
Tabela 6 – Frequências ponderadas por grupo.....	34
Tabela 7 – Modelo intercepto: efeitos fixos.....	35
Tabela 8 – Modelo intercepto – components de variância.....	35
Tabela 9 - Modelo 1 – Modelo Geral de Guerras Civis – efeitos fixos.....	37
Tabela 10 - Modelo 2 – Modelo de Intensidade da Guerra Civil: efeitos fixos.....	40
Tabela 11 - Modelo 3 – Modelo de intensidade do conflito armado interno: efeitos fixos.....	41
Tabela 12 - Modelos 4 e 5- Modelos de intensidade do conflito de 5 e 10 anos: efeitos fixos.....	42

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A relação teórica entre guerras civis e confiança interpessoal generalizada .....	22
Figura 2 – Confiança interpessoal x PNB per capita paridade poder de compra.....	25
Figura 3 – Mapa cultural de Inglehart e Welzel (2014) .....	26

## SUMÁRIO

1 Introdução .....	10
2 Os fundamentos da confiança interpessoal .....	13
3 A relação teórica entre guerras civis e confiança interpessoal generalizada.....	17
4. Dados e método.....	22
4.1 Hipóteses e principais variáveis de interesse .....	22
4.2 Seleção de casos .....	25
4.3 Descrição dos modelos.....	27
5 Análise e resultados.....	33
6 Discussão e conclusões .....	42
Referências.....	46
Apêndice .....	51

## 1 Introdução

Este estudo investiga o impacto de guerras civis sobre a confiança interpessoal. A hipótese é que guerras civis tem um efeito negativo sobre a confiança. Para este fim, ele combina dados de nível individual do *World Values Survey*, dados de conflitos armados do *Uppsala Conflict Dat Program* (UCDP) e variáveis controle do Banco Mundial em modelos de regressão logística multinível para testar o efeito de guerras civis sobre a confiança interpessoal.

A contribuição deste estudo reflete em duas literaturas diferentes. Em primeiro lugar, ele pretende contribuir com as pesquisas existentes sobre confiança interpessoal, de modo geral, e de formação da confiança, especificamente. A confiança interpessoal já foi associada a diversos atributos positivos, da estabilidade democrática (ALMOND e VERBA, 1963; INGLEHART e WEZEL, 2005) ao crescimento econômico (KNACK e KEEFER, 1997) e ao desempenho institucional (PUTNAM, 1993). No entanto, evidências empíricas provenientes de estudos do tipo survey demonstraram que ao menos algumas sociedades avançadas têm enfrentado um declínio consistente na confiança pessoal generalizada nas últimas décadas (INGLEHART, 1999; PUTNAM, 2000; RAPP, 2016). Além disso, os níveis de confiança em sociedades de baixa confiança têm permanecido bastante estáveis ao longo do tempo, e pouco se sabe sobre como superar essa adversidade.

Esses dois fenômenos chamam atenção para a necessidade de se estudar as dinâmicas pelas quais a confiança é formada e os mecanismos que impedem sua formação. Estudos sobre a natureza da confiança interpessoal a formação da confiança têm crescido em número, escopo e qualidade desde o ressurgimento do interesse nos estudos da confiança experimentado na década de 1990. Parte considerável de sua atenção foi dedicada a tentativas de explicar, empiricamente ou de outra forma, o que está por trás da criação da confiança generalizada. A confiança foi vista como um produto da socialização infantil e um valor moral estável e durável (USLANER, 1999; USLANER, 2000; HARDIN, 2001), um produto duradouro da herança histórica, religiosa e cultural de um país (INGLEHART, 1999), o resultado de cálculos racionais amparados em laços sociais e sanções efetivas (COLEMAN, 1990; LEVI, 1996) e um fruto do aprendizado cognitivo a partir de experiências positivas e negativas ao longo da vida (YAMAGISHI, 2001). Por um lado, a confiança foi associada empirica e teoricamente a diferentes variáveis econômicas e sociais no nível individual, como otimismo, senso de controle sobre a própria vida e medidas subjetivas de bem-estar (USLANER, 1999; USLANER, 2002),

segurança existencial e valores pós-materialistas (INGLEHART, 1999; PATTERSON, 1999) e medidas de sucesso econômico e social como educação e renda (NEWTON, 1999; PUTNAM, 2000). Por outro lado, a confiança também foi associada a algumas variáveis do nível social ou contextual, como fracionalização étnica (LEVI, 1996; RAPP, 2016), polarização em questões morais (RAPP, 2016), o nível de prosperidade material de um país (INGLEHART, 1999) e desigualdade socioeconômica. De acordo com a literatura sobre confiança, espera-se que insegurança existencial, polarização identitária, fracionalização étnica, desigualdade econômica, exclusão social e pobreza acarretem menores níveis de confiança interpessoal.

No entanto, a literatura sobre a confiança é consideravelmente menos precisa sobre o efeito de conflitos armados internos sobre a confiança social. Estudos sobre o tema são relativamente recentes e estão concentrados nos últimos dez anos. Além disso, seus resultados têm sido ambíguos e frequentemente contraditórios. O raciocínio intuitivo é que guerras civis, geralmente vistas como uma categoria particularmente intensa de conflito armado interno (YAYLACI, 2018; UCDP, 2018), acarretariam uma redução na confiança interpessoal. As razões teóricas para isso são múltiplas: em primeiro lugar, a experiência da violência ou a exposição a ela provém evidência inegável de que não se pode confiar facilmente nos demais (TRAUNMULLER et al, 2015; KIJEWski e FREITAG, 2018); em segundo, guerras civis podem reduzir significativamente a segurança existencial a partir da qual a confiança seria formada (INGLEHART, 1999); em terceiro, as mortes, destruição e o deslocamento forçado causado por conflitos armados internos podem interromper a vida associativa e as redes sociais que promovem a confiança (MOUSA, 2018; GILLIAN et al, 2013); em quarto lugar, conflitos armados internos podem aumentar a polarização ao longo de linhas de identidade dentro de uma sociedade, especialmente em conflitos religiosos (TRAUNMULLER et al, 2015) ou étnicos (YAYALACI, 2018).

Apesar das convincentes razões para acreditar que conflitos armados internos reduzem a confiança, essa posição é frequentemente contestada por análises empíricas e tem sido desafiada por um ramo da literatura que enfatiza o crescimento pessoal e social positivo após a guerra. Diversos trabalhos tem dado suporte à visão de que a experiência da guerra civil conduz a uma maior coesão social e gera maior confiança interpessoal intragrupo (TEDESCHI e CALHOUN, 2004; BLATTMAN, 2009; YAYLACI, 2018). Além disso, a literatura sobre crescimento pós-traumático (PTH) enfatiza que o esforço de superar com sucesso experiências traumáticas pode levar a um novo olhar sobre a vida, um comportamento mais social, altruísmo e maior força pessoal (TEDESCHI e CALHOUN, 2004; TEDESCHI e CALHOUN, 1996). Portanto, a relação entre confiança interpessoal e guerras civis é uma

discussão recente e ainda em curso na área. Os estudos da confiança ainda não foram capazes de determinar se, em que medida e em qual direção guerras civis afetam a confiança.

Em segundo lugar, este estudo procura contribuir com o estudo das sociedades pós-conflito. Essa literatura tem se concentrado nos desafios da construção do estado e da construção da paz, bem como no crescimento econômico depois da guerra (COLLIER et al, 2003; CALL e WYATH, 2009; PARIS, 2004; RICHMOND e FRANKS, 2008; CALL, 2012). Os perigos relacionados a sociedades afetadas por conflitos ou pós-conflito foram bem documentadas: instabilidade política, os desafios da desmobilização pós-guerra e a integração de ex-combatentes à sociedade, a grande disponibilidade de armas de fogo, a persistência da economia política da guerra civil, o enfraquecimento e o colapso institucional e a animosidade e desconfiança entre os antigos comandantes e senhores da guerra (COLLIER et al, 2003/ WALTER, 2004; PARIS, 2004). No entanto, as consequências políticas e sociais das guerras civis continuam subestudadas e subexploradas a despeito das frequentes referências feitas a elas na literatura.

Na medida em que a confiança é importante para a coesão social e a estabilidade democrática, avaliar e entender a relação entre guerras civis e confiança social torna-se fundamental. De fato, iniciativas de construção da paz frequentemente incorporam esforços para reconstruir a confiança, os quais podem ser ou não necessários dependendo da existência ou não de uma relação entre guerra civil e confiança. A fim de superar os desafios da construção da paz pós-conflito, estimular o crescimento econômico e prevenir um retorno ao conflito, é crucial entender exatamente quais são estes desafios desde o ponto de vista social e político.

Este estudo almeja trazer algumas contribuições valiosas para esta discussão em curso. Em primeiro lugar, ele é de natureza *crossnational*, enquanto a maioria dos estudos existentes trata-se de estudos de caso e comparações *small-n*, e portanto fornecem possibilidades limitadas de generalização dos resultados. De fato, essa característica dos estudos sobre guerras civis e confiança pode ser uma das razões para os resultados mistos e frequentemente contraditórios da área. Nos limites do meu conhecimento, o único estudo *crossnational* sobre a relação entre guerras civis e confiança é o realizado por Traummuller et al (2015). Em segundo lugar, o presente estudo combina variáveis individuais de primeiro nível provenientes do *World Values Survey* (WVS) com variáveis nacionais no segundo nível obtidas do *Uppsala Conflict Data Program* (UCDP) e do Banco Mundial para uma análise multinível do fenômeno. Em terceiro lugar, a maioria dos estudos na área concentra-se nos efeitos da exposição à guerra civil no primeiro nível (individual) e no segundo nível (comunidades), enquanto este trabalho

concentra-se especialmente nos efeitos da exposição a guerras civis no terceiro nível, o dos países. Assim, o objetivo deste estudo é verificar empiricamente o efeito da exposição de países a guerras civis (variáveis no nível nacional) sobre a confiança interpessoal (medida no nível individual) com o uso de variáveis de controle nos níveis individual e nacional em um desenho *crossnational*.

## **2 Os fundamentos da confiança interpessoal**

Enquanto o interesse na confiança como uma variável social importante para a estabilidade democrática remete às origens dos estudos de cultura política (ALMOND e VERBA, 1963), foi somente nas últimas três décadas que um fluxo contínuo de pesquisas sobre a confiança passou a ser produzido na esteira dos estudos seminais de Coleman (1990), Putnam (1993) e Fukuyama (1995). A partir destes estudos, criou-se um consenso geral de que a confiança se trata de uma variável importante para pesquisas sociais, políticas e econômicas. A confiança passou a ser comumente vista como uma forma de “cola” que mantém a sociedade civil unida e que possui numerosas consequências positivas para a vida social, econômica e cultural (RAPP, 2016, p. 35).

Ronald Inglehart (2003), por exemplo, argumentou que democracias são mais estáveis quando as pessoas confiam mais, e encontrou uma relação positiva entre os níveis de confiança e indicadores de democracia (INGLEHART, 1999; INGLEHART e WELZEL, 2005). Coleman (1990) enfatizou o papel central da confiança na promoção de comportamento cooperativo e na produção de bens públicos, enquanto Putnam (1993) associou-a a um melhor desempenho institucional. Como Lundasen (2002) afirma, a desconfiança causa o abandono de tentativas de cooperação e a perda de parcerias frutíferas. A confiança é, portanto, fundamental para comportamentos cooperativos em condições de incerteza. Sem confiança, as associações civis que são essenciais para a vida social, a estabilidade democrática e o desempenho institucional simplesmente não são formadas (INGLEHART, 1997; PUTNAM, 1993). Rennó (2003), por sua vez, enfatizou que a confiança generalizada reduz o espaço disponível para comportamentos oportunistas, uma vez que padrões de comportamento cooperativo tendem a prevalecer e cidadãos que confiam nos outros indiscriminadamente possuem maior tendência a interagir com estranhos. De acordo com Seligson e Rennó (2000), a generalização da confiança interpessoal produz altos níveis de previsibilidade do comportamento social e reciprocidade de expectativas, as quais presumivelmente levam a um maior engajamento em assuntos públicos. Baquero, por sua vez, argumenta que a confiança interpessoal produz um ambiente permeado por credibilidade e legitimidade, fortalecendo o contrato social. A falta de confiança eleva a tensão e a instabilidade e prejudica o

desenvolvimento democrático. Assim, a confiança é vista como uma importante ferramenta para resolver problemas de ação coletiva e promover a estabilidade democrática. Não surpreendentemente, pesquisas do campo econômico têm dedicado considerável atenção à confiança. Knack e Keefer (1997), por exemplo, encontraram uma forte associação entre confiança interpessoal e crescimento econômico. Além disso, a confiança foi ligada a um impressionante número de conceitos importantes como a satisfação com a vida, a saúde, o bem-estar e o otimismo (DELHEY e NEWTON, 2003).

É incomum que um conceito adquira tanta importância em diversas disciplinas acadêmicas simultaneamente como é o caso da confiança interpessoal. Isso, no entanto, aumenta o risco de se atribuir significados diversos a um mesmo conceito. Com isto em mente, Lundasen (2002) realizou um levantamento detalhado dos múltiplos significados dados ao termo e encontrou ao menos 15 variações as quais classificou em três níveis fundamentais: confiança generalizada, que remete à natureza humana em geral e à humanidade como um todo; confiança relacional, que se refere à confiança em pessoas específicas e conhecidas; e confiança de rede, relacionada à família e redes sociais. De forma similar, Fukuyama (2001) argumenta que a confiança interpessoal pode ser vista de duas maneiras distintas: a primeira se refere à confiança que surge da intimidade e da repetição de interações entre duas pessoas, como em laços de amizade e de parentesco. A segunda é a expectativa de comportamento honesto e cooperativo por parte dos outros em uma sociedade. Freitag e Traunmuller (2009) diferenciam entre confiança particularizada, dirigida a pessoas conhecidas em interações do dia a dia, e confiança generalizada, dirigida a pessoas além das relações mais próximas, como pessoas completamente desconhecidas e pessoas de origens diferentes. Putnam (1993) e Inglehart (1997;1999) estão claramente interessados na confiança interpessoal generalizada, assim como a maior parte da literatura sobre a relação entre confiança e estabilidade democrática, desempenho institucional e crescimento econômico. Este estudo igualmente ocupa-se da confiança interpessoal generalizada, também conhecida como confiança social, que pode ser definida como “a expectativa que existe dentro de uma sociedade de comportamento honesto e cooperativo baseado em normas compartilhadas”, como Fukuyama (2001, p. 26) escreveu, ou “confiança entre aqueles que não possuem conhecimento íntimo um do outro” (LEVI, 1996, p. 47). Essa distinção é de grande importância, uma vez que guerras civis teoricamente afetam a confiança particularizada e a confiança social de formas distintas e frequentemente oposta. Sociedades polarizadas ao longo de linhas de identidade, por exemplo, podem possuir altos níveis de confiança particularizada e um baixo nível de confiança generalizada (TRAUNMULLER et al, 2015).

Isto remete a uma questão fundamental: como a confiança é gerada? De acordo com Delhey e Newton (2003), teorias sobre as origens da confiança podem ser divididas em dois grupos amplos: o primeiro localiza a confiança no nível individual, ou como uma característica pessoal nuclear, ou associada a características demográficas e experiências de vida concretas. O segundo coloca a confiança como uma propriedade de sistemas sociais e, portanto, relacionada a diferentes características das sociedades e de suas instituições.

No nível individual, a confiança pode ser enxergada como parte de uma síndrome ampla de características que incluem o otimismo, a crença na cooperação e a certeza de que os indivíduos podem resolver suas diferenças e viver uma vida satisfatória juntos. Nesse sentido, a confiança é aprendida durante os estágios iniciais da socialização e dificilmente muda durante a vida adulta (DELHEY e NEWTON, 2003, p.4). Essa linha de raciocínio foi avançada por Uslaner (1999), que argumenta que a confiança é um atributo aprendido dos pais, e está fortemente associado ao otimismo, ao bem-estar subjetivo e ao senso de controle sobre a própria vida. Hardin (2001) expressa uma visão similar. De acordo com ele, a confiança generalizada está ligada a expectativas positivas da confiabilidade e da capacidade de cooperar e ajudar dos demais. Ele continua, dizendo que “essa é a posição de, por exemplo, uma criança que cresceu em um ambiente muito benigno no qual virtualmente todos sempre foram confiáveis. Por generalização indutiva, aquela antiga criança agora encara os demais com expectativas relativamente positivas” (HARDIN, 2001, p.14). Neste sentido, Inglehart (1999) argumenta que a confiança é reforçada pela segurança existencial durante os primeiros estágios da socialização.

Em uma explicação do nível individual alternativa, a confiança pode ser enxergada não como um produto da socialização e, portanto bastante estável durante a vida, mas como um produto de expectativas geradas por experiências concretas da vida adulta (DELHEY e NEWTON, 2003). Essa corrente teórica afirma que a confiança é uma característica possuída principalmente por aqueles que podem ser considerados os “vencedores” de uma sociedade. Segundo Putnam (2000), na maior parte das sociedades aqueles que são economicamente bem-sucedidos tendem a confiar mais que os pobres, provavelmente porque eles são tratados com mais respeito pelos demais. Nesta formulação, a confiança é fortemente associada a experiências positivas na vida adulta, e portanto sujeita a mudanças nas condições de vida. Neste sentido, Yamagishi (2001) afirma que indivíduos que confiam são cognitivos e frequentemente atualizam suas expectativas baseado nas suas experiências na interação com os outros. Assim, a confiança pode ser vista como expectativas geradas por uma estimativa da confiabilidade dos

demais. Portanto, atitudes de confiança podem ser mais facilmente encontradas naqueles que tiveram mais experiências positivas em suas interações com os outros, como os de posição social privilegiada, os economicamente bem-sucedidos e os que têm maior nível educacional. Alternativamente, aqueles que enfrentam a exclusão social, pobreza, discriminação e violência tem maior probabilidade de serem desconfiados. É importante notar, no entanto, que as explicações que enxergam a confiança como um traço de personalidade ou uma disposição aprendida durante a socialização e aquelas que a colocam como resultado de expectativas cognitivas influenciadas por experiências durante a vida adulta não são mutuamente exclusivas. Hardin (1992;2001), por exemplo, afirma que a confiança é uma disposição em relação à confiabilidade dos outros aprendida durante a infância, mas se experiências posteriores provam que essa confiança é geralmente imerecida, o indivíduo rapidamente aprende através da experiência e torna-se menos confiante.

No nível da sociedade, talvez a mais conhecida e mais minuciosamente testada teoria sobre a formação da confiança é o associativismo. A definição de capital social de Coleman (1990) associa a confiança fortemente ao pertencimento a associações voluntárias. O trabalho de Putnam (2000) segue a mesma direção ao associar a queda na participação em associações voluntárias nos Estados Unidos à queda nos níveis de confiança. Segundo este entendimento, a confiança é gerada pelo pertencimento e a participação em associações voluntárias da sociedade civil, em uma abordagem do tipo “aprendizagem com a prática”. Dentro desta visão, a confiança pode ser vista tanto como uma pré-condição como um produto das associações voluntárias da sociedade civil, como times de boliche, associações de vizinhos e clubes sociais e esportivos. Apesar desta formulação estar no centro do renovado interesse na confiança interpessoal nos anos 1990, a confirmação empírica da relação entre a participação em associações e a confiança interpessoal deixa a desejar. Em uma posição contrastante, Levi (1996) argumenta que a confiança é gerada por experiências fora destas pequenas associações. Ao invés disso, ela é baseada em expectativas sobre o comportamento dos outros criadas em grupos com valores compartilhados ou definidos por religião ou etnia. Esses grupos sinalizam em quem confiar, mas a confiança ainda depende de mecanismos confiáveis de *enforcement* das normas ou custos suficientemente altos para o descumprimento. Uma visão similar é expressada por Yamagishi e Yamagishi (1993) e Delhey e Newton (2003), que identificam uma relação entre redes e grupos informais e confiança interpessoal.

Por fim, uma última abordagem social associa confiança a características de países inteiros. Já foi argumentado, por exemplo, que democracias apresentam um níveis de confiança maiores que

regimes não democráticos (NEWTON, 2001). Mas não são só fatores institucionais que podem afetar a confiança. Inglehart (1999) e Inglehart e Welzel (2005) adotam uma perspectiva culturalista de confiança interpessoal, de acordo com a qual a confiança reflete a interidade do patrimônio histórico de uma nação, incluindo fatores econômicos, religiosos e políticos. Nesse sentido, religiões hierárquicas como o catolicismo e o islamismo, por exemplo, são consideradas menos propensas a gerar confiança, assim como regimes ditatoriais. Outras características sociais que já foram associadas com confiança são a divisão étnica (PUTNAM, 2007; ABASCAL e BALDASSARRI, 2015), o PIB per capita e a desigualdade econômica (INGLEHART, 1999; KNACK e KEEFER, 1997). Por fim, a confiança interpessoal também já foi relacionada ao tamanho das comunidades. Nesse sentido, Putnam (2000) afirma que indivíduos que residem em cidades menores são mais honestos, altruístas e confiam mais.

Na próxima seção, este estudo discute a relação teórica entre guerra civil e confiança interpessoal. Em seguida, ele apresenta os dados e a operacionalização das principais variáveis independentes. Subsequentemente, ele prossegue para a descrição e os resultados empíricos dos modelos propostos. Por fim, ele termina com uma discussão dos principais resultados e conclui sugerindo alguns caminhos para dar prosseguimento ao estudo da relação entre confiança e guerras civis.

### **3 A relação teórica entre guerras civis e confiança interpessoal generalizada**

A maior parte do que foi escrito sobre guerras civis e sociedades pós-conflito é centrado nos desafios da construção da paz e construção do Estado e no crescimento econômico pós-guerra ((WALTER, 2004; COLLIER et al, 2003; PARIS, 2004; RICHMOND e FRANK, 2008; CALL, 2012). Isso não é surpreendente, uma vez que guerras civis são hoje o tipo mais numeroso de guerra e sociedades pós-conflito frequentemente voltam ao conflito armado dentro dos primeiros cinco anos da assinatura do acordo de paz. O risco de uma reincidência do conflito e de uma “armadilha do subdesenvolvimento” geralmente enfrentado pelas sociedades pós-conflito justifica a atenção diligente dedicada ao legado das guerras civis (COLLIER et al, 2003). Muito menos foi dito a respeito das consequências sociais e políticas das guerras civis. Embora a literatura sobre construção da paz e guerras civis frequentemente faça rápidas referências às possíveis consequências de conflitos armados internos, como perda de coesão social, desconfiança, divisão ao longo de identidades étnicas e religiosas e acentuação da polarização política, elas raramente são desenvolvidas no nível teórico, quanto mais analisadas empiricamente.

Em resposta a essa lacuna, um número crescente trabalhos vem explorando as consequências sociais e políticas da violência política, de modo geral, e de guerras civis, mais especificamente (WOOD, 2003; 2008; BLATTMAN, 2007; BELLOWS e MIGUEL, 2009; ROHNER, et al, 2013; GILLIAN ET AL, 2013; TRAUNMULLER et al, 2015; DE JUAN e PIERSKALLA, 2016; YAYLACI, 2018; KIJEWski e FREITAG, 2018; ISHIYAMA et al, 2018; MOUSA, 2018). Mas quais são os mecanismos através dos quais conflitos armados internos podem afetar a confiança interpessoal generalizada?

Guerras civis são definidas como um conflito armado organizado predominantemente interno no qual o controle ou a forma do Estado está em disputa (CALL, 2012). Guerras civis podem deixar marcas profundas em uma sociedade, com deslocamento forçado em larga-escala, destruição material e alto número de mortes. Elas são “experiências coletivas que modificam o que pessoas sabem ou acreditam sobre umas as outras, e portanto suas percepções sobre quem é confiável” (KIJEWski e FREITAG, 2018, p. 718). Há diversos mecanismos pelos quais guerras civis podem teoricamente resultar em níveis de confiança mais baixos e perturbar a coesão social. Estes incluem um grupo de mudanças psicológicas, alterações nas condições materiais e existenciais e nos incentivos comunais e sociais para confiar, e mudanças na composição das comunidades devido a mortes e deslocamento forçado (GILLIAN et al, 2016).

A maneira mais óbvia através de experiências pessoais violentas no nível individual. Guerras civis são eventos violentos nos quais até 90% das vítimas são civis (COLLIER et al, 2003), e muitas pessoas são testemunham ou são sujeitas a espancamentos, tortura, estupro e morte (KALYVAS, 2006). Como delineado anteriormente, a confiança interpessoal é frequentemente vista como o resultado de experiências de vida pessoais e aprendizado cognitivo (YAMAGISHI, 2001; DELHEY e NEWTON, 2003). Ela pode também ser vista como a avaliação de um indivíduo a respeito da confiabilidade dos outros e a expectativa de comportamento honesto e cooperativo em uma sociedade (FUKUYAMA, 2001; HARDIN, 2001). Desta forma, experiências existenciais intensas podem influenciar significativamente a confiança interpessoal. Através da experiência direta com a violência, brutalidade e morte, guerras civis fornecem evidências inegáveis da falta de confiabilidade dos outros e podem afetar significativamente a visão que um indivíduo tem da vida (KIJEWski e FREITAG, 2018; TRAUMULLER et al, 2015). De fato, diversos estudos têm analisado o impacto de experiências violentas e da vitimização sobre a confiança e a coesão social (COLLETTA e CULLEN 2000, CASSAR et al. 2013; ROHNER et al, 2013; VOORS e BULTE, 2014; ISHMAYIA et al, 2017). Em

um estudo sobre Kosovo no pós-guerra, Kijewski e Freitag concluíram que experiências pessoais de guerra estão relacionadas a uma menor confiança interpessoal. O survey no qual o estudo se baseia foi realizado quase dez anos após o fim do conflito, o que demonstra o quão persistente o efeito da exposição à violência na guerra pode ser. Rohner et al (2013) também encontraram uma forte e robusta relação negativa entre vitimização na guerra e confiança generalizada na Uganda pós-conflito. Apesar do impacto negativo na confiança generalizada, o autor encontrou também uma associação positiva entre exposição à guerra e confiança intragrupo. Ishiyama et al (2017), no entanto, conduziram um estudo sobre a vitimização em violência criminosa no México e concluiu que a exposição à violência não é associada a menor confiança interpessoal e pode ainda resultar em maior confiança institucional.

A visão de que a exposição à violência em guerras diminui a confiança é desafiada por alguns estudos que advogam que episódios de violência traumática podem, na realidade, levar a maior interação social e comportamento pró-social. Baseados em uma teoria de Crescimento pós-traumático (TEDESCHI e CALHOUN, 2004; TEDESCHI e CALHOUN, 1996), ou CPT, definido como “a experiência de mudança positiva que ocorre como resultado da luta contra crises de vida altamente desafiadoras” (TEDESCHI e CALHOUN, 2004, p.1), alguns autores argumentam que eventos traumáticos conduzem a uma série de resultados positivos como maior força pessoal, um olhar novo sobre a vida, relações mais íntimas, maior apreciação da vida, a descoberta de habilidades ocultas, reavaliação pessoal e mudanças em objetivos de vida e sistemas de crenças. Neste sentido, a confiança social poderia beneficiar-se de “transformações nas relações humanas, na maneira como indivíduos se relacionam com outros e mudanças de perspectivas de vida e auto-imagem” (KIJEWSKI e FREITAG, 2018, p. 270). A confiança interpessoal poderia também ser positivamente influenciada pelo aumento no bem-estar e na felicidade que podem resultar do CPT. Kijewski e Freitag basearam-se no CTP para argumentar que indivíduos que conforme os indivíduos sentem-se mais fortes e capazes após um evento traumático (CALHOUN e TEDESCHI, 2006), eles tem maior chance de sentirem-se otimistas, o que é relacionado com maior confiança interpessoal (DELHEY e NEWTON, 2003; KIJEWSKI e FREITAG, 2018). Eles afirmam ainda que embora o interesse no CPT tenha crescido rapidamente nos últimos anos, a maioria de seus conceitos permanece nebulosa e imprecisa. Não obstante, o CPT pode ajudar a dar fornecer um quadro teórico para interpretar alguns achados empíricos na literatura. Blattman (2009), por exemplo, observou que muitos ex-combatentes em Uganda demonstraram maior engajamento cívico e participação após o fim da guerra. Refugiados em Serra Leoa também exibiram o mesmo padrão de comportamento (BELLOW e MIGUEL, 2009). Assim, há duas maneiras distintas e opostas

através das quais a exposição à violência das guerras civis pode influenciar a confiança interpessoal: negativamente, através de eventos traumatizantes que demonstram que os outros não são confiáveis; e positivamente através do processo de crescimento pós-traumático.

Um segundo mecanismo através do qual conflitos armados internos podem influenciar a confiança social é através de seu impacto negativo sobre a segurança existencial. Guerras civis são normalmente acompanhadas por deslocamento forçado, perda de bens materiais, medo e ansiedade (KIJEWski e FREITAG, 2018). Assim, elas geralmente ocasionam experiências que criam um senso de insegurança existencial, mesmo para aqueles que não são diretamente expostos à violência da guerra civil. O medo da violência em vizinhanças ou comunidades próximas, a imprevisibilidade gerada pelo conflito e a experiência negativa de tornar-se um refugiado, que inclui perder o círculo social e os bens materiais, geram uma quantidade significativa de medo e ansiedade, erodindo as bases de uma existência segura e previsível. Como Inglehart (1999) afirma, a confiança é produto não só da herança histórica de uma sociedade, mas também do nível individual de segurança existencial. Quanto mais segura é a existência de uma pessoa, maior a probabilidade de ela confiar nos demais. Nesse sentido, Wood (2003) argumenta que em condições de pobreza ou insegurança, torna-se difícil exibir comportamento de confiança e planejar para o futuro simplesmente porque qualquer engano pode custar caro em termos de sobrevivência. Confiar é, portanto, fortemente desencorajado. Delhey e Newton (2003) expressam opinião parecida ao afirmar que a insegurança material pode diminuir fortemente a capacidade de um indivíduo de confiar. Inglehart e Welzel, por sua vez, escrevem que ameaças existenciais levam os indivíduos a procurar por segurança em grupos fechados e favorecerem a confiança intragrupo às custas da confiança pessoal generalizada. Essa posição foi endossada por Inglehart, Moaddel e Tessler (2006) no Iraque, onde a invasão norte-americana e a subsequente guerra civil levaram à combinação dos níveis mais altos de confiança intragrupo e os níveis mais baixos de confiança intergrupos de todos os países da quinta onda do *World Values Survey*.

No entanto, a experiência individual com a violência das guerras civis não é o único caminho pelo qual guerras civis podem afetar a confiança interpessoal. Guerras civis são, em larga medida, experiências coletivas. Kijewski e Freitag afirmam que como guerras civis perturbam enormemente a vida social, todos indivíduos vivendo em regiões em guerra são provavelmente influenciados por ela, não somente aqueles diretamente afetados pelo fenômeno. Conflitos armados internos, especialmente guerras civis, possuem consequências no nível nacional que extrapolam os limites das regiões diretamente afetadas pelo conflito armado. Neste sentido, Wood (2008) afirma que processos

relacionados a guerras civis, como mobilização política, segregação e polarização em linhas de identidade podem transformar a estrutura social, dissolvendo associações e redes existentes e criando novas. Na medida em que a confiança é aprendida, promovida, sancionada e garantida por essas redes pela vida associativa (COLEMAN, 1990; PUTNAM, 1993), guerras civis podem afetar negativamente a confiança interpessoal. Na mesma linha, Traummüller et al (2015) escrevem que a guerra civil transforma estruturas sociais que facilitam a criação da confiança através do apoio a comportamentos confiáveis. Além disso, como a confiança interpessoal é beneficiada por algum nível de comprometimento em torno de valores, normas e significados compartilhados (ETZIONI, 2001; LEVI, 1996), a mobilização e a polarização em torno de linhas étnicas, religiosas e políticas resultantes do conflito armado interno podem diminuir a confiança social ao mesmo tempo em que aumentam a confiança intragrupo.

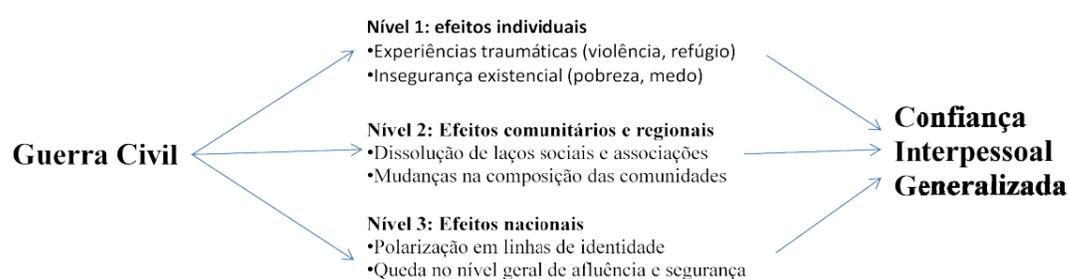
De fato, como Rapp (2016) afirma, a polarização é associada a uma diminuição na confiança social, uma vez que “a percepção da alteridade está frequentemente conectada à crença de que esses indivíduos ou grupos possuem interesses e valores distintos ou expectativas sociais e crenças diferentes de si mesmo, resultando em um senso de cautela e menor confiabilidade” (RAPP, 2016, p. 36). Além disso, Shewfelt (2009) afirma que o deslocamento forçado devido ao conflito pode criar regiões etnicamente homogêneas, o que reduz o contato entre grupos e previne a confiança intergrupo de se desenvolver após a guerra. Assim, guerras civis podem agravar a polarização social e política e contribuir para cristalizar animosidades, diminuindo a confiança generalizada em uma sociedade. Como Traummüller et al (2015) afirma, guerras civis normalmente envolvem:

... a polarização de identidades, mobilização política e socialização militar, o deslocamento forçado e a migração, a militarização da autoridade política, e a fragmentação da economia política – [como esses processos] são difíceis de isolar e muitas vezes reforçam-se uns aos outros, eles podem reestabelecer as estruturas sociais e portanto as relações de confiança de formas potencialmente duráveis (p.3).

Yaylaci (2018), por sua vez, faz algumas qualificações quanto a esta relação hipotética no entre confiança e guerras civis no nível nacional. Na visão da autora, enquanto guerras civis ideológicas, como a entre o Sendero Luminoso e o governo peruano, tendem a diminuir a confiança generalizada, guerras internas baseadas em linhas territoriais e étnicas, como a entre o PKK e o governo turco, não possuem um efeito discernível sobre a mesma. Ao invés disso, guerras civis com contornos étnicos e territoriais levam a uma maior confiança intragrupo e uma menor confiança intergrupos.

Em conclusão, guerras civis podem levar a um menor nível de confiança interpessoal através de experiências individuais com a guerra civil, de mudanças no nível comunitário ou regional, ou dos efeitos sociais que elas apresentam. Por um lado, as experiências negativas com a violência, a perda de bens materiais e o deslocamento forçado podem alterar significativamente a visão de mundo e diminuir a capacidade de confiar nos outros. Elas fornecem experiências de primeira mão sobre a falta de confiabilidade dos outros e geram medo e ansiedade. Por outro lado, guerras civis contribuem para diminuir o nível geral de riqueza, perturbam a vida associativa e os laços sociais existentes, e aumentam o nível geral de animosidade e a polarização de identidades, criando um ambiente menos condutivo à confiança no nível nacional. A Figura 1 mostra as formas como guerras civis podem afetar a confiança interpessoal.

Figura 1 – A relação teórica entre guerras civis e confiança interpessoal generalizada



Agora que os mecanismos que dão base para a possível relação entre guerras civis e confiança interpessoal generalizada foram descritos, eu prossigo para a descrição dos dados utilizados e a descrição dos modelos utilizados na análise.

## 4. Dados e método

### 4.1 Hipóteses e principais variáveis de interesse

Minha hipótese principal é que guerras civis estão negativamente relacionadas com a confiança interpessoal generalizada durante o conflito e no período pós-conflito. Assim, eu espero que a ocorrência de um fenômeno no nível nacional (guerra civil) tenha um impacto sobre a probabilidade de confiar no nível individual. Além disso, eu levando as hipóteses de que a intensidade e a duração do

conflito estão negativamente associadas à confiança social. Quanto mais duradouro e intenso um conflito armado interno, maior seu impacto negativo sobre a confiança. Para verificar a validade empírica destas hipóteses, eu realizei um estudo quantitativo *crossnational* e multinível. Considerando que os indivíduos estão aninhados em países com condições socioeconômicas e culturais específicas, modelos de regressão logística multinível serão utilizados para estimar o efeito de guerras civis sobre a confiança interpessoal controlando por preditores nos níveis individual e nacional. A escolha de uma função logística é justificada pelo nível de mensuração da variável dependente, a qual se trata de uma variável discreta com distribuição binomial. Todas as variáveis do nível individual são provenientes da terceira à sexta onda do *World Values Survey* (WVS), incluindo o período entre 1995 e 2014. Os dados foram obtidos da base de dados longitudinal do WVS acessada em 6 de julho de 2018 (Inglehart et al, 2014). No questionário do WVS a confiança interpessoal generalizada é capturada pela seguinte pergunta:

*Generally speaking, would you say that most people can be trusted or that you need to be very careful in dealing with people?*

1. *Most people can be trusted.*
2. *Need to be very careful.*

A resposta que indica confiança é a *1. Most people can be trusted*. A fim de estimar as chances de sucesso (a resposta indicativa de confiança) no nosso modelo, a variável foi recodificada para *0. Need to be very careful* e *1. Most people can be trusted*. É importante enfatizar que diversos estudos lançaram dúvidas sobre a validade dessa questão (AQUINO, 2017; CASTRO, 2009; JOHNSON e MISLIN, 2012; SELIGSON e RENNÓ, 2000). Castro (2009), por exemplo, realizou um experimento que demonstrou que, ao menos no Brasil, as duas alternativas na questão de confiança interpessoal não são mutuamente exclusivas, e uma formulação alternativa para a segunda resposta alterou significativamente as frequências das respostas<sup>1</sup>. Esta certamente não é a única questão que tenta medir a confiança no WVS. O questionário conta também com uma bateria de escalas de quatro pontos de confiança em grupos específicos, como família, vizinhos, conhecidos, desconhecidos e estrangeiros. Além disso, há uma escala de dez pontos de confiança com uma formulação bastante diferente da questão utilizada neste estudo. No entanto, estas questões são uma adição recente ao questionário, e

---

<sup>1</sup> While there is much debate on the validity of the trust question “Generally speaking...” in the World Value Survey, this issue will not be discussed in depth here.

estão disponíveis apenas a partir da quinta onda do WVS (2005-2009). A fim de incluir um número suficiente de casos para uma análise multinível do fenômeno, este estudo fará uso da questão tradicional de confiança interpessoal descrita acima.

A unidade de nível 1 neste estudo, indivíduos, está aninhada em países. No entanto, o WVS é um projeto de pesquisa longitudinal organizado em seis ondas com intervalos de aproximadamente cinco anos entre 1984 e 2014, e o survey foi tipicamente realizado mais de uma vez em um mesmo país. O resultado disso é que os casos de nível 1 estão aninhados não em países, mas sim em díades país-ano, as quais foram a unidade de nível 2 neste estudo. Isto significa que alguns países serão contados mais de uma vez. O Peru, por exemplo, será incluído quatro vezes na análise em diferentes etapas do conflito armado interno: Peru [1996] e Peru [2001], quando o conflito ainda era prevalente e estava em pleno curso, Peru [2006], quando a guerra havia se tornado um conflito de baixa intensidade, e Peru [2012], vários anos após o fim das hostilidades.

Como dito anteriormente, guerras civis são definidas como conflitos armados internos organizados nos quais o controle ou a forma do Estado está em disputa (CALL, 2012). Os dados sobre conflitos armados utilizados neste estudo vem da base de dados de Mortes relacionadas a batalhas 1989-2018 do *Uppsala Conflict Data Program* (UCDP) (PETTERSON e ECK, 2018). O UCDP define conflito armado como “uma incompatibilidade disputada em relação a governo e/ou território onde o uso de força armada entre duas partes, das quais pelo menos uma é o governo de um Estado, resulta em pelo menos 25 mortes relacionadas a batalhas em um ano”. De acordo com a classificação do UCDP, conflitos armados podem ser de quatro tipos: extrassistêmicos, interestatais, internos e internos internacionalizados. Como este estudo pretende verificar o impacto de guerras civis sobre a confiança, ele inclui apenas conflitos que pertencem a uma das duas últimas categorias: conflitos internos e conflitos internos internacionalizados. Esta distinção é bastante importante, visto que os efeitos sociais de conflitos interestatais podem diferir largamente daqueles de conflitos intraestatais: conflitos interestatais geralmente aumentam a coesão social interna e a confiança, enquanto o efeito esperado de conflitos internos geralmente se dá na direção oposta (COLLETA E CULLEN, 2000).

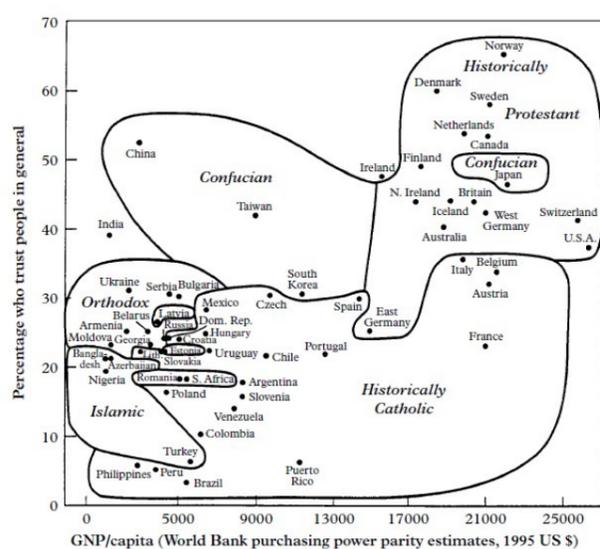
É importante ressaltar que o UCDP classifica conflitos internos de acordo com uma classificação binária de intensidade: conflitos com entre 25 e 999 mortes relacionadas a batalhas em um ano conflitos com 1.000 ou mais. Neste contexto, mortes relacionadas a batalhas são mortes de combatentes e não combatentes causadas diretamente pelo confronto armado entre as partes do conflito. Conflitos armados internos com mais de 1.000 mortes relacionadas a batalhas em um ano são considerados guerras civis.

Em linha com a classificação do UCDP, a definição operacional de guerra civil neste estudo é: conflitos armados internos ou internos internacionalizados em que ao menos uma parte do conflito é o governo de um Estado e a outra parte é um ator não estatal e que resulta em pelo menos 1.000 mortes relacionadas a batalhas e um ano. A base de dados do UCDP fornece três estimativas anuais do número de mortes para cada conflito – a chamada “*best estimation*”, a “*low estimation*” e a “*high estimation*”. Eu utilizei a “*best estimation*” para contruir minhas variáveis que levam em consideração a intensidade do conflito nos modelos a construídos nas próximas seções. A variável relativa à duração dos conflitos também foi construída utilizando a mesma base de dados do UCDP.

## 4.2 Seleção de casos

Segundo Ronald Inglehart (1999), a confiança interpessoal é uma “característica relativamente duradoura de uma dada sociedade: ela reflete a herança histórica de um determinado povo, incluindo fatores econômicos, políticos, religiosos e outros” (p.1). Nesta linha, Inglehart utilizou dados do WVS e do Banco Mundial para construir um gráfico mostrando cada país participante da terceira e da quarta ondas do WVS de acordo com seu nível de confiança e seu Produto Nacional Bruto per capita por paridade de poder de compra (Figura 2). Ele então dividiu o resultado em zonas culturais que se encaixaram no seu argumento do caráter cultural da confiança interpessoal.

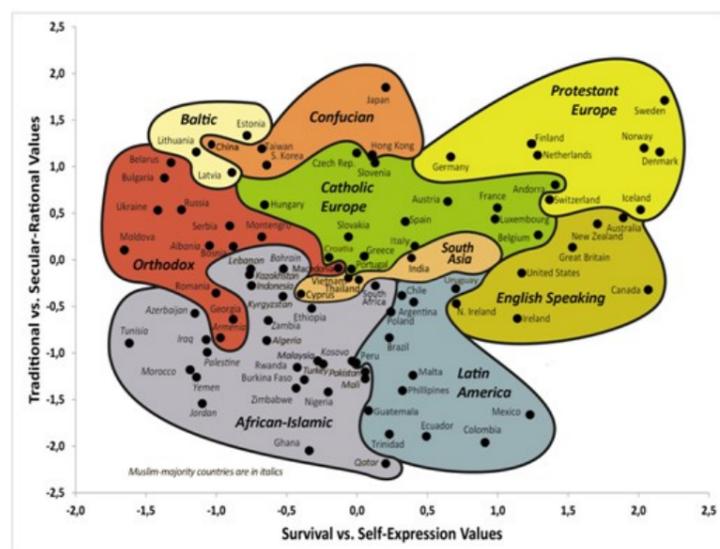
Figura 2 – Confiança interpessoal x PNB per capita paridade poder de compra



Fonte: Inglehart (1999)

Em “Modernização, mudança cultural e democracia: a sequência do desenvolvimento humano” (2005), Inglehart e Welzel desenvolveram mais seu conceito de divisão do mundo de acordo com zonas culturais. Os autores inseriram em um gráfico os países participantes da terceira onda do WVS (1994-1999) de acordo com carregamentos fatoriais representando duas dimensões: a dimensão valores de sobrevivência contra valores de autoexpressão e a dimensão valores tradicionais contra valores seculares, obtendo agrupamentos culturais coerentes apesar das óbvias singularidades de cada país. Os agrupamentos culturais identificados eram fortemente conectados a históricos religiosos e coloniais. A Figura 3 mostra a última versão desse mapa cultural, atualizada com dados da última onda do WVS atualmente disponível (2010-2014). De acordo com os autores, uma boa parte das diferenças entre as sociedades pode ser explicada em termos destas duas dimensões culturais (INGLEHART e WELZEL, 2005)

Figura 3 – Mapa cultural de Inglehart e Welzel (2014)



Fonte: World Values Survey Association. Disponível em:  
<http://www.worldvaluessurvey.org/WVSContents.jsp?CMSID=Findings>

Surpreendentemente, praticamente todos os casos de guerra civil – de acordo com o marco de 1.000 mortes adotado aqui – no período coberto pela base de dados do UCDP (1989-2018) teve como palco cinco regiões geográficas: África, América Latina, Europa Oriental, Ásia Central e Sudeste Asiático. Mas os casos de guerras civis não estão confinados apenas de acordo com critérios

geográficos, mas também de acordo com as divisões culturais encontradas no mapa cultural de Inglehart e Welzel. Todos os casos de guerras civis estão localizados nas seguintes zonas culturais Africana-Islâmica, América Latina, Ortodoxa e Sul da Ásia. A única e notável exceção é a Croácia, que passou por uma guerra civil durante a desintegração da antiga Iugoslávia e está localizada na zona cultural Europa Católica, próximo à fronteira com a zona Ortodoxa.

Uma vez que tanto a variável dependente como a variável independente de interesse correspondem tão bem a quatro regiões do mapa cultural de Inglehart e Welzel, a análise neste estudo adotará a abordagem culturalista dos autores e incluirá somente os países pertencentes a estas quatro zonas culturais. Esta é uma decisão importante de seleção de casos, a qual não somente reconhece o caráter cultural e duradouro da confiança interpessoal, como também procura evitar potenciais resultados espúrios causados por agregar em uma mesma análise unidades com enormes diferenças culturais, especialmente quando todos os casos de guerra civil (exceto um) estão nas quatro zonas culturais localizadas próximo ao canto inferior esquerdo do mapa e nenhum caso está incluído nas outras cinco zonas. Como modelos de confiança interpessoal de nível único são bastante imprecisos e raramente são capazes de explicar mais de 10% da variação observada, há muito que não conseguimos controlar em termos de confiança, o que sugere que uma abordagem cuidadosa é recomendada para evitar erros de tipo 1. Incluir casos localizados nas zonas Europa Católica, Confucianista, Europa Protestando e Falante de Inglês adicionaria muitos casos de países avançados com altos níveis de confiança e que não tiveram guerras civis desde 1989. Isto provavelmente resultaria em um modelo altamente enviesado, uma vez que a maior parte dos determinantes da confiança não são bem conhecidos e portanto não podem ser controlados.

Combinando a minha variável guerra civil com minha abordagem culturalista na seleção de casos resultou em 97 casos país-ano sem guerras civis e 27 com guerras civis. No entanto, um caso de guerra civil (Phillipines [1996]) teve de ser excluído devido à ausência de algumas variáveis de controle. A próxima seção vai descrever os modelos utilizados na análise na seção 5.

### **4.3 Descrição dos modelos**

O Modelo 1, que será chamado de “modelo geral de guerra civil”, segue a definição de guerra civil do UCDP baseada na intensidade do conflito. Os anos em que guerras civis aconteceram foram combinados com os anos em que o WVS realizou o trabalho de campo em cada país. A variável

“Guerra Civil” assume o valor 1 unidades país-ano quando há um ano que pode ser classificado como guerra civil (mortes relacionadas a batalhas > 999) dentre os cinco anos que precederam o trabalho de campo do WVS. Em todos os outros casos, ela assume o valor 0. Assim, países que não tiveram conflitos armados internos desde 1989 são atribuídos o valor 0 nesta variável. Da mesma forma, países que estavam sofrendo conflito com conflitos armados internos depois de 1989 ou estavam sofrendo com um no ano do survey, mas cujos conflitos armados não atingiram o marco de 1.000 mortes em ao menos um dos cinco anos anteriores ao trabalho de campo, também recebem o valor de 0 para aquele caso país-ano. Esta classificação, portanto, é baseada na intensidade do conflito armado interno e no tempo passado desde a guerra civil.

Alguns estudos não adotam um limite de tempo desde a guerra civil para a análise. O estudo de Kijewski e Freitag, por exemplo, utiliza um survey realizado cerca de 10 anos após o fim do conflito em Kosovo. O único outro caso de estudo *crossnational* da área que conheço, Traummuller et al (2015), inclui todos os países presentes na quinta onda da *World Values Survey* que sofreram e alguma guerra civil desde 1943. Esse tipo de abordagem, que é geralmente adotada devido à escassez de dados confiáveis e sistemáticos de sociedades pós-conflito, junta países que passaram por guerras civis recentemente e outros que o fizeram há mais de 50 anos e os coloca em uma mesma categoria. A falta de critérios temporais no estudo dos efeitos de conflitos armados internos pode ser responsável por parte dos resultados mistos e contraditórios na literatura (DE JUAN e PIERSKALLA, 2016). A fim de evitar este problema, optei por adotar o limite de 5 anos entre a guerra civil e o survey, uma vez que os cinco anos subsequentes ao conflito são normalmente considerados os mais perigosos (COLLIER et al, 2003). A Tabela 1 exibe a seleção final de casos do nível 2 (país-ano) agrupados de acordo com a variável independente (> 999 mortes nos últimos cinco anos) e com seus respectivos níveis agregados de confiança interpessoal.

No entanto, a mera presença ou ausência de uma guerra civil pode não ser o suficiente para impactar significativamente o nível de confiança interpessoal em uma sociedade. Os processos pelos quais guerras civis podem teoricamente afetar a confiança podem estar presentes em algumas, mas não todas guerras civis e podem variar bastante de acordo com a intensidade do conflito. Por essa razão, o Modelo 2 – o modelo de intensidade da guerra civil – foi construído para avaliar se características específicas de uma guerra civil, como intensidade e duração, estão associadas à confiança interpessoal. Este modelo inclui somente os casos do nível 2 com guerras civis do Modelo 1 e incorpora três variáveis adicionais referentes à duração, intensidade e intensidade relativa do conflito.

Tabela 1 - Modelo 1 – Casos no nível 2 agrupados pela variável independente

Sem Guerra Civil	Confiança (%)	Sem Guerra Civil	Confiança (%)	Sem Guerra Civil	Confiança (%)
<b>Onda 3 (1994-1998)</b>		<b>Onda 5 (2005-2009)</b>		<b>Onda 6 (2010-2014)</b>	
Albânia (1998)	27	Gana (2007)	8,5	Tunísia (2013)	16
Argentina (1995)	17,1	Guatemala (2004)	15,0	Turquia (2012)	12,3
Armênia (1997)	24,7	Indonésia (2006)	42,5	Ucrânia (2011 )	24,8
Brasil (1997)	2,8	Iran (2007)	10,6	Egito (2012)	21,5
Bulgária (1997)	28,6	Malásia (2006)	8,8	Uruguai (2011)	15,2
Bielorrússia (1996)	24,1	Mali (2007)	17,5	Uzbequistão (2011)	14,1
Chile (1996)	21,9	México (2005)	15,6	<b>Total de casos</b>	<b>97</b>
República Dominicana (1996)	26,4	Moldávia (2006)	17,9		
Macedônia (1998)	8,2	Marrocos (2007)	13	<b>Com Guerra Civil</b>	<b>Confiança (%)</b>
México (1996)	28,1	Peru (2006)	6,3	<b>Onda 3 (1994-1998)</b>	
Moldávia (1996)	22,2	Romênia (2005)	20,3	Azerbaijão (1997)	20,5
Nigéria (1995)	17,7	Sérvia (2006)	15,3	Bósnia (1998)	26,1
Romênia (1998)	18,7	Vietnã (2006)	52,1	Colômbia (1998)	11,2
África do Sul (1996)	18,2	Tailândia (2007)	41,5	Geórgia (1996)	18,7
Ucrânia (1996)	31	Turquia (2007)	4,9	Índia (1995)	37,9
Uruguai (1996)	22,1	Ucrânia (2006)	27,5	Peru (1996)	5
Venezuela (1996)	13,7	Egito (2008)	18,5	Rússia (1995)	23,9
<b>Onda 4 (1999-2004)</b>		Burkina Faso (2007)	14,7	Sérvia (1996)	29,8
Albânia (2002)	24,4	Uruguai (2006)	28,4	Turquia (1996)	6,5
Argentina (1999)	15,4	Zâmbia (2007)	11,5	<b>Onda 4 (1999-2004)</b>	
Bangladesh (2002)	23,5	<b>Onda 6 (2010-2014)</b>		Argélia (2002)	11,2
Bósnia (2001)	15,8	Argélia (2014)	17,9	Índia (2001)	41
Chile (2000)	22,8	Azerbaijão (2011)	15,3	Filipinas (2001)	8,4
Egito (2001)	37,9	Argentina (2013)	19,9	Sérvia (2001)	18,8
Indonésia (2001)	51,6	Armênia (2011)	11,0	Turquia (2001)	18,9
Irã (2000)	65,3	Brasil (2014)	7,1	Uganda (2001)	7,6
Jordânia (2001)	27,7	Belarus (2011)	35,2	<b>Onda 5 (2005-2009)</b>	
Quirguistão (2003)	16,7	Chile (2012)	12,8	Colômbia (2005)	14,5
Macedônia (2001)	13,5	Colômbia (2012)	4,1	Índia (2006)	23,3
México (2000)	21,3	Equador (2013)	7,2	Irã (2006)	40,8
Moldávia (2002)	14,7	Geórgia (2014)	8,9	Rússia (2006)	26,2
Marrocos (2001)	23,9	Gana (2012)	5	Ruanda (2007)	4,9
Nigéria (2000)	25,6	Haiti (2016)	21,7	<b>Onda 6 (2010-2014)</b>	
Paquistão (2001)	30,8	Cazaquistão (2011)	38,3	Índia (2012)	17,2
Peru (2001)	10,7	Jordan (2014)	13,2	Irã (2013)	32
Vietnã (2001)	41,1	Quirguistão (2011)	38	Líbia (2014)	
África do Sul (2001)	11,8	Líbano (2013)	10,9	Paquistão (2012)	23,1
Zimbábue (2001)	11,9	Malásia (2012)	8,5	Ruanda (2012)	16,6
Tanzânia (2001)	8,1	México (2012)	12,4	Iêmen (2014)	40,4
<b>Onda 5 (2005-2009)</b>		Nigéria (2012)	15,0	<b>Total de casos</b>	<b>26</b>
Brasil (2006)	9,4	Peru (2012)	8,5		
Bulgária (2006)	22,2	Filipinas (2012)	3,2		
Chile (2006)	12,6	Romênia (2012)	7,7		
Etiópia (2007)	24,4	Rússia (2011)	29,6		
Georgia (2009)	18,1	África do Sul (2013)	23,4		
		Zimbábue (2012)	8,3		
		Tailândia (2013)	32,5		

A primeira variável, “Duração do conflito”, assume o valor da duração da guerra civil em anos desde seu início até seu fim ou o ano do survey. Uma limitação desta variável é que a base de dados do UCDP cobre apenas até 1989, então a duração de alguns conflitos longevos como a insurgência Sikh na

Índia ou o conflito civil na Colômbia são subrepresentados por esta variável. A segunda variável adicionada ao Modelo 2, “Intensidade do conflito”, é o número de mortes relacionadas a batalhas do início da guerra civil até sua conclusão ou o ano anterior ao survey. Como alguns países sofrem de mais de um conflito armado interno ou guerra civil simultaneamente, e a fim de mensurar adequadamente o efeito da violência política interna, esta variável é a soma das mortes causadas diretamente por todos os conflitos armados internos em um dado país durante o curso da guerra civil. Por fim, como guerras civis acontecem em países tão populosos como a Índia e tão pouco habitados como o Azerbaijão, o número absoluto de mortes relacionadas a batalhas pode não ser o suficiente para indicar adequadamente a intensidade do conflito. Assim, uma terceira variável foi adicionada ao modelo de intensidade da guerra civil, “Intensidade do conflito/pop”, cujo valor é o número de mortes da variável “Intensidade do conflito” dividido pela média entre a população do país ao início do conflito e no ano interior ao survey. A tabela 2 exhibe os casos do nível 2 no Modelo 2 e seus respectivos valores para a variável dependente e as três variáveis independentes adicionadas ao modelo.

Tabela 2 - Modelo 2 – Casos no nível 2 e variáveis de interesse

<b>Onda 3 (1994-1998)</b>	<b>Duração</b>	<b>Intensidade</b>	<b>Intensidade/pop</b>	<b>Confiança (%)</b>
Azerbaijão (1997)	4	4880	649	20.5
Bósnia (1998)	4	13454	3367	26.1
Colômbia (1998)	10	7762	213	11.2
Geórgia (1996)	2	2532	527	18.7
Índia (1995)	6	12289	14	37.9
Peru (1996)	7	6203	273	5
Filipinas 1996	7	4857	75	5.5
Rússia (1995)	4	786	5	23.9
Sérvia (1996)	2	3144	412	29.8
Turquia (1996)	7	11467	206	6.5
<b>Onda 4 (1999-2004)</b>	<b>Duração</b>	<b>Intensidade</b>	<b>Intensidade/pop</b>	<b>Confiança (%)</b>
Argélia (2002)	12	14120	486	11.2
Índia (2001)	12	19310	20	41
Filipinas (2001)	12	7198	104	8.4
Sérvia (2001)	4	3779	500	18.8
Turquia (2001)	13	22730	391	19.3
Úganda (2001)	11	6713	328	7.6
<b>Onda 5 (2005-2009)</b>	<b>Duração</b>	<b>Intensidade</b>	<b>Intensidade/pop</b>	<b>Confiança (%)</b>
Colômbia (2005)	17	16854	438	14.5
Índia (2006)	17	27626	28	23.3
Irã (2006)	2	6072	231	40.8
Rússia (2006)	15	18316	126	26.2
Ruanda (2007)	12	7168	872	4.9
<b>Onda 6 (2010-2014)</b>	<b>Duração</b>	<b>Intensidade</b>	<b>Intensidade/pop</b>	<b>Confiança (%)</b>
Índia (2012)	23	33705	32	17.2
Irã (2013)	9	18665	639	32
Líbia (2014)	1	1930	311	11.6
Paquistão (2012)	6	18704	133	23.1
Ruanda (2012)	15	9316	1108	16.6
Iêmen (2014)	5	4231	174	40.4

Um potencial problema com o Modelo 2 é que o marco de 1.000 mortes em um ano pode ser arbitrário demais e acabar excluindo alguns conflitos armados internos bastante longevos mas menos intensos que poderiam teoricamente afetar a confiança interpessoal. Por exemplo, apesar do conflito civil na Colômbia ainda ser um fenômeno importantíssimo na sociedade colombiana e um assunto chave na agenda política na sexta onda do WVS, o conflito não alcançou o marco de 1.000 mortes nos cinco anos que precederam 2012 e o caso foi classificado como “Sem Guerra Civil” no Modelo 1 e excluído do Modelo 2. Assim, esforços foram feitos para incluir conflitos armados menos intensos através do relaxamento da definição operacional de guerra civil adotada. Isto resultou no Modelo 3, chamado “Modelo de intensidade do conflito armado interno”. Este modelo é similar ao modelo de intensidade da guerra civil em todos os aspectos, porém relaxa o marco de 1.000 mortes para incluir todos os casos país-ano que ou estavam passando por conflitos armados internos durante o survey ou passaram por este tipo de conflito em ao menos um dos cinco anos anteriores à coleta de dados. Desta forma, o Modelo 3 inclui não apenas guerras civis, mas também conflitos armados internos de baixa intensidade, o que resulta em um considerável aumento no número de unidades no nível 2, como pode ser visto na Tabela 3.

Tabela 3 - Modelo 3 – Casos no nível 2 e variáveis de interesse

<b>Onda 3 (1994-1998)</b>	<b>Duração</b>	<b>Intensidade</b>	<b>Intensidade/pop</b>	<b>Confiança (%)</b>
Azerbaijão 1997	4	4880	649	20.5
Bangladesh 1996	5	96	1	20.9
Bósnia 1998	4	13454	3367	26.1
Colômbia 1998	10	7762	213	11.2
El Salvador 1999	3	5861	1070	14.1
Geórgia 1996	2	2532	527	18.7
Índia 1995	6	12289	14	37.9
México 1996	1	145	2	26.4
Moldova 1996	1	585	159	21.8
Peru 1996	7	6203	273	5
Filipinas 1996	7	4857	75	5.5
Rússia 1995	4	786	5	23.9
Sérvia 1996	2	3144	412	29.8
Turquia 1996	7	11467	206	6.5
<b>Onda 4 (1999-2004)</b>	<b>Duração</b>	<b>Intensidade</b>	<b>Intensidade/pop</b>	<b>Confiança (%)</b>
Argélia 2002	12	14120	486	11.2
Bósnia2001	4	13454	3362	
Índia 2001	12	19310	20	41
Indonésia 2001	7	463	2	51.6
Irã 2000	6	355	6	49.6
Paquistão 2001	4	202	2	28.2
Peru 2001	11	6500	275	10.6
Filipinas 2001	12	7198	104	8.4
Sérvia 2001	4	3779	500	18.8
Turquia 2001	13	22730	391	19.3
Uganda 2001	11	6713	328	7.6
Egito 2001	6	617	9	37.5
<b>Onda 5 (2005-2009)</b>	<b>Duração</b>	<b>Intensidade</b>	<b>Intensidade/pop</b>	<b>Confiança (%)</b>
Colômbia 2005	17	16854	438	14.5
Etiópia 2007	17	2507	41	21.4

Geórgia 2009	2	649	146 ou 714	17.6
Índia 2006	17	27626	28	23.3
Indonésia 2006	12	3484	17	20.7
Irã 2006	2	6072	231	40.8
Peru 2006	11	6500	265	6.3
Rússia 2006	15	18316	126	26.2
Ruanda 2007	12	7168	872	4.9
Tailândia 2007	4	607	9	41.3
Turquia 2007	19	23592	388	4.8
Egito 2008	6	617	8	18.4
<b>Onda 6 (2010-2014)</b>	<b>Duração</b>	<b>Intensidade</b>	<b>Intensidade/pop</b>	<b>Confiança (%)</b>
Argélia 2014	24	18218	561	17.9
Azerbaijão 2011	8	4998	612	16.6
Colômbia 2012	24	19125	497	4.1
Índia 2012	23	33705	32	17.2
Iraque 2013	9	18665	639	32
Líbia 2014	1	1930	311	11.6
Nigéria 2012	2	729	5	14.8
Paquistão 2012	6	18704	133	23.1
Peru 2012	15	6650	260	8.3
Filipinas 2012	23	10607	136	2.8
Rússia 2011	20	20064	137	29.2
Ruanda 2012	15	9316	1108	16.6
Tailândia 2013	10	1420	22	32.2
Turquia 2012	24	25625	405	12.4
Iêmen 2014	5	4231	174	40.4

Finalmente, dois modelos foram construídos a fim de verificar o efeito da intensidade do conflito no período mais recente ao invés de durante toda sua duração. Assim como o Modelo 3, estes modelos incluem todos os casos de conflito armado interno com número de mortes maior ou igual a 25 em pelo menos um ano durante os cinco anos que precedem o trabalho de campo do survey. No entanto, ao invés de medir a intensidade do conflito através do número de mortes relacionadas a batalhas desde o início do conflito, estes dois modelos utilizam o número de mortes em intervalos fixos de tempo antes do survey. Neste sentido, a intenção é que as variáveis de intensidade destes modelos reflitam o efeito mais recente do conflito. O Modelo 4 utiliza o número de mortes nos cinco anos anteriores ao survey, enquanto o Modelo 5 utiliza os dez anos precedentes. Os valores dos casos de segundo nível para estes modelos estão disponíveis na Tabela 4.

Tabela 4 - Modelos 4 e 5 e variáveis de interesse

<b>Onda 3 (1994-1998)</b>	<b>Modelo 4 – modelo de 5 anos</b>		<b>Modelo 5 – modelo de 10 anos</b>		<b>Confiança (%)</b>
	<b>Intensidade</b>	<b>Intensidade/pop</b>	<b>Intensidade</b>	<b>Intensidade/pop</b>	
Azerbaijão 1997	4845	640	4880	650	20.5
Bangladesh 1996	25	0	96	1	20.9
Bósnia 1998	9419	2357	13434	3362	26.1
Colômbia 1998	3880	104	6823	189	11.2
El Salvador 1999	-	-	5861	1069	14.1
Geórgia 1996	2532	529	2532	530	18.7
Índia 1995	11157	12	12289	13	37.9
México 1996	145	2	145	2	26.4
Moldova 1996	585	159	585	159	21.8
Peru 1996	3277	139	6203	273	5
Filipinas 1996	2509	38	4752	73	5.5

Rússia 1995	796	5	796	5	23.9
Sérvia 1996	3144	414	3144	414	29.8
Turquia 1996	10995	194	11467	206	6.5
<b>Onda 4 (1999-2004)</b>	<b>Intensidade</b>	<b>Intensidade/pop</b>	<b>Intensidade</b>	<b>Intensidade/pop</b>	<b>Confiança (%)</b>
Argélia 2002	7021	228	14120	486	11.2
Bósnia 2001	0	0	13434	3354	
Índia 2001	5961	6	15096	16	41
Indonésia 2001	473	2	562	3	51.6
Irã 2000	93	1	279	5	49.6
Paquistão 2001	42	0	132	1	28.2
Peru 2001	273	11	3550	147	10.6
Filipinas 2001	2341	31	4955	70	8.4
Sérvia 2001	2639	349	5607	742	18.8
Turquia 2001	11272	184	22267	377	19.3
Uganda 2001	3704	164	5073	241	7.6
Egito 2001	178	3	617	10	37.5
<b>Onda 5 (2005-2009)</b>	<b>Intensidade</b>	<b>Intensidade/pop</b>	<b>Intensidade</b>	<b>Intensidade/pop</b>	<b>Confiança (%)</b>
Colômbia 2005	6326	152	11217	280	14.5
<b>Etiópia 2007</b>	283	4	1327	20	21.4
Geórgia 2009	649	153	649	153	17.6
Índia 2006	6577	6	12428	12	23.3
Indonésia 2006	2735	12	3208	15	20.7
Irã 2006	6702	251	6702	251	40.8
Peru 2006	0	0	273	10	6.3
Rússia 2006	4381	30	15778	109	26.2
Ruanda 2007	2103	242	4395	582	4.9
Tailândia 2007	607	9	607	9	41.3
Turquia 2007	853	12	8633	134	4.8
Egito 2008	0	0	0	0	18.4
<b>Onda 6 (2010-2014)</b>	<b>Intensidade</b>	<b>Intensidade/pop</b>	<b>Intensidade</b>	<b>Intensidade/pop</b>	<b>Confiança (%)</b>
Argélia 2014	1411	38	3157	89	17.9
Azerbaijão 2011	30	3	89	11	16.6
Colômbia 2012	1558	34	7683	187	4.1
Índia 2012	4713	4	12026	10	17.2
Iraque 2013	6447	208	19295	653	32
Líbia 2014	1930	312	1930	312	11.6
Nigéria 2012	729	5	729	5	14.8
Paquistão 2012	18460	110	18703	117	23.1
Peru 2012	150	5	150	5	8.3
Filipinas 2012	2496	27	5392	61	2.8
Rússia 2011	1953	13	6332	44	29.2
Ruanda 2012	2148	215	4215	442	16.6
Tailândia 2013	616	9	1420	21	32.2
Turquia 2012	2033	28	2886	42	12.4
Iêmen 2014	4231	184	4231	194	40.4

A próxima seção irá apresentar e analisar os resultados dos modelos propostos a fim de verificar a existência ou não de uma relação entre guerras civis e confiança interpessoal.

## 5 Análise e resultados

A estatística descritiva simples para a seleção de casos completa (Modelo 1) evidencia que, surpreendentemente, o grupo de países que passou por guerras civis nos últimos cinco anos que

precederam o survey apresentam um maior nível de confiança interpessoal que os países que não passaram por guerras civis. A Tabela 5 exibe as frequências sem pesos dos grupos divididos pela variável independente no nível 2. Como as amostras do *World Values Survey* tendem a variar entre  $n = 1.000$  e  $n = 2.500$ , isto pode ter sido causado pelas diferenças no tamanho da amostra entre os países. Portanto, uma variável de peso foi aplicada para fixar a amostra de todas unidades país-ano em  $n = 1.000$ . A Tabela 6 mostra os resultados.

Tabela 5 – Frequências sem ponderação por grupo

grupo		Frequência	%	% válidos
Sem Guerra Civil	Can't be too careful	115486	77,0	80,1
	Most people can be trusted	28758	<b>19,2</b>	19,9
	Total	144244	96,1	100,0
Com Guerra Civil	Can't be too careful	37447	74,5	77,6
	Most people can be trusted	10812	<b>21,5</b>	22,4
	Total	48259	96,0	100,0

Tabela 6 – Frequências ponderadas por grupo

grupo		Frequência	%	% válidos
No Civil War	Can't be too careful	80018	77,7	80,8
	Most people can be trusted	18985	<b>18,4</b>	19,2
	Total	99003	96,1	100,0
Civil War	Can't be too careful	20801	74,3	77,4
	Most people can be trusted	6077	<b>21,7</b>	22,6
	Total	26878	96,0	100,0

As frequências ponderadas mostram que o grupo de unidades país-ano que recentemente passou por uma guerra civil apresenta um nível de confiança interpessoal maior. No entanto, esta aparente relação precisa ser testada em um modelo multinível que controle por variáveis nos níveis individual e nacional. A próxima etapa é ajustar um modelo somente de intercepto a fim de verificar se há variação suficiente no nível 2 para justificar o uso de um modelo multinível. O modelo de regressão logística binária de intercepto no nível 2 apresentou um coeficiente *log-odds* de -1.532 e um *Exp(coefficient)* de .216. Assim, a probabilidade média no nível do país de que um indivíduo confie nos demais é dada por  $1/1 + e^{-(-1.532)} = 0.177$ .

Tabela 7 – Modelo intercepto: efeitos fixos

Termos	Coeficiente	Erro padr.	T	Sig.	Exp(coefficient)	95% interval confiança para exp(coefficient)	
						Inferior	Superior
Intercept	-1.532	.0661	-23.174	.000	.216		

A estrutura de variância do intercepto (Tabela 8) permite a estimação da correlação intra-classe (CIC), ou seja, da proporção da variância que está entre as unidades em relação à variância total (HOX, 2002). A correlação intra-classe do modelo intercepto é dada por  $0,570 / (0,570 \div 3,29) = 14,7$ . Ou seja, aproximadamente 14,7% da variabilidade na confiança interpessoal está entre países, que evidencia que variáveis no nível individual sozinhas não explicam adequadamente a confiança interpessoal. Uma explicação completa do fenômeno deve incluir variáveis tanto no nível individual como no nível nacional, como é evidenciado pela literatura citada nas seções anteriores.

Tabela 8 – Modelo intercepto – components de variância

Efeitos aleatórios de covariância	Estimat.	Erro pad.	Z	Sig.	95% interval de confiança	
					Inferior	Superior
Var(Intercept)	.570	.072	7.931	.000	.445	.730

Covariance structure: Variance components

O modelo que será utilizado para verificar se há uma relação estatisticamente significativa entre a ocorrência de guerras civis e confiança interpessoal (Modelo 1) será descrito agora. As variáveis no nível 1 incluem controlas demográficos como sexo, idade, renda e educação. Estudos anteriores demonstraram que mulheres confiam menos do que homens (RAPP, 2016). De acordo com explicações centradas na relação entre experiências positivas de vida e confiança interpessoal, pessoas que obtiveram maior sucesso em vida tendem a confiar mais que aqueles que enfrentaram pobreza, exclusão social e violência (PUTNAM, 2000; DELHEY e NEWTON, 2003). Além disso, a segurança existencial é intimamente ligada à confiança social (INGLEHART, 1999). Assim, variáveis de renda e educação devem estar positivamente associadas com confiança. Por outro lado, se a confiança é parte de um grupo de traços de personalidade adquiridos durante a infância (USLANER, 1999), não deve haver relação entre o padrão de vida atual e confiança. Segundo Uslaner (1999), a confiança está relacionada ao otimismo e ao senso de escolha e controle sobre a própria vida. Apesar de não haver uma variável no

WVS que se preocupe especificamente com otimismo disponível para todas as ondas em estudo, há uma variável que questiona quanta liberdade e controle sobre a própria vida o respondente sente que tem, a qual foi incluída no modelo. Pode também ser estipulado que não são as condições sociais reais que importam, e sim a percepção subjetiva dos indivíduos a respeito destas condições. Dessa forma, as variáveis felicidade, satisfação com a vida e satisfação com a situação financeira do lar foram incluídas no modelo. A variável que referente ao associativismo no *World Values Survey* não está disponível na quarta onda, portanto não será possível testar seu efeito sobre a confiança neste modelo. No entanto, uma variável sobre a frequência em serviços religiosos foi inclusa, pois a frequência regular em serviços religiosos é uma forma de associativismo e evidências empíricas sugerem que ela está positivamente associada com confiança (RAPP, 2016).

As variáveis no nível 2 incluem o PIB per capita em dólares de 2010 e o índice GINI para o ano anterior à aplicação do survey. Deve-se observar, no entanto, que o índice GINI não está disponível para todos os países em todos os anos. Há lacunas importantes, especialmente para sociedades mais pobres, autocráticas ou afetadas por conflitos armados. Nesses casos, foi utilizado o índice GINI do ano mais próximo ao ano anterior ao trabalho de campo do survey. Por fim, a variável independente de interesse, Guerra Civil, também foi incluída. Ela assume o valor de 1 para os casos em que houve ao menos um ano de guerra civil dentre os cinco anos que precederam a coleta de dados do WVS, e valor 0 para todos os demais casos.

Os efeitos fixos do modelo podem ser visualizados na tabela 8. Eles parecem confirmar parcialmente a literatura sobre a formação da confiança. Como demonstrado em numerosos estudos anteriores, mulheres confiam menos do que homens (0.66,  $p < .001$ ). Renda e educação, no entanto, não possuem relação estatisticamente significativa com confiança interpessoal neste modelo, o que lança dúvidas sobre a afirmação de Putnam (2000) de que os vencedores da sociedade possuem uma propensão maior a confiar e à afirmação de Inglehart (1999) de que a segurança existencial está associada à confiança interpessoal. No entanto, cabe uma ponderação a esse respeito: como a seleção de casos inclui somente países de média e baixa renda, é inteiramente possível que o efeito da educação e da renda sobre a confiança interpessoal somente seja discernível em países mais ricos onde a segurança existencial é suficientemente prevalente para criar um ambiente de confiança onde diferenças de renda e educação começam a importar. Como Inglehart (1999) afirma, as diferenças entre os ricos e mais educados e os pobres e menos educados no que toca a confiança interpessoal é maior em sociedades mais afluentes.

Tabela 9 - Modelo 1 – Modelo Geral de Guerras Civis – efeitos fixos

Termo do Modelo	Coeficiente	Erro padrão	t	Sig.	95% Intervalo		Exp(Coeficiente)	95% Intervalo confiança	
					Confiança			Exp(Coeficiente)	
					Inferior	Superior	Inferior	Superior	
<b>Variáveis Nível 2</b>									
Intercepto	-,698	,3065	-2,278	,023	-1,299	-,097	,497	,273	,907
Guerra Civil=1	,056	,1605	,346	,729	-,259	,370	1,057	,772	1,448
Guerra Civil=0	0 <sup>b</sup>	.	.	.	.	.	.	.	.
PIB per capita	-,063	,0630	-,996	,319	-,186	,061	,939	,830	1,063
<b>GINI*</b>	<b>-,034</b>	<b>,0082</b>	<b>-4,138</b>	<b>,000</b>	<b>-,050</b>	<b>-,018</b>	<b>,967</b>	<b>,951</b>	<b>,982</b>
<b>Variáveis Nível 1</b>									
<b>Sexo=1*</b>	<b>-,066</b>	<b>,0171</b>	<b>-3,859</b>	<b>,000</b>	<b>-,099</b>	<b>-,032</b>	<b>,936</b>	<b>,906</b>	<b>,968</b>
<b>Sexo=0</b>	0 <sup>b</sup>	.	.	.	.	.	.	.	.
<b>Idade*</b>	<b>,005</b>	<b>,0007</b>	<b>6,123</b>	<b>,000</b>	<b>,003</b>	<b>,006</b>	<b>1,005</b>	<b>1,003</b>	<b>1,006</b>
Nível educacional	-,002	,0082	-,281	,779	-,018	,014	,998	,982	1,014
Liberdade de escolha	-,014	,0061	-2,313	,021	-,026	-,002	,986	,974	,998
Renda	,001	,0080	,157	,875	-,014	,017	1,001	,986	1,017
<b>Satisfação financeira*</b>	<b>,018</b>	<b>,0066</b>	<b>2,721</b>	<b>,007</b>	<b>,005</b>	<b>,031</b>	<b>1,018</b>	<b>1,005</b>	<b>1,031</b>
<b>Felicidade =3*</b>	<b>,359</b>	<b>,0677</b>	<b>5,306</b>	<b>,000</b>	<b>,227</b>	<b>,492</b>	<b>1,433</b>	<b>1,254</b>	<b>1,636</b>
<b>Felicidade=2*</b>	<b>,265</b>	<b>,0595</b>	<b>4,462</b>	<b>,000</b>	<b>,149</b>	<b>,382</b>	<b>1,304</b>	<b>1,160</b>	<b>1,465</b>
<b>Felicidade=1</b>	<b>,057</b>	<b>,0557</b>	<b>1,023</b>	<b>,306</b>	<b>-,052</b>	<b>,166</b>	<b>1,059</b>	<b>,949</b>	<b>1,181</b>
<b>Felicidade=0</b>	0 <sup>b</sup>	.	.	.	.	.	.	.	.
<b>Satisfação com a vida*</b>	<b>,019</b>	<b>,0086</b>	<b>2,259</b>	<b>,024</b>	<b>,003</b>	<b>,036</b>	<b>1,020</b>	<b>1,003</b>	<b>1,037</b>
<b>Frequência religiosa=2*</b>	<b>,082</b>	<b>,0293</b>	<b>2,807</b>	<b>,005</b>	<b>,025</b>	<b>,140</b>	<b>1,086</b>	<b>1,025</b>	<b>1,150</b>
<b>Frequência religiosa=1</b>	<b>,026</b>	<b>,0356</b>	<b>,741</b>	<b>,458</b>	<b>-,043</b>	<b>,096</b>	<b>1,027</b>	<b>,958</b>	<b>1,101</b>
<b>Frequência religiosa=0</b>	0 <sup>b</sup>	.	.	.	.	.	.	.	.

Probabilidade de distribuição: Binomial

Função Link: Logística

a. Alvo: Most people can be trusted

b. Coeficiente é 0 pois é redundant.

\* Estatisticamente significativo a  $p < 0.5$

Por outro lado, medidas subjetivas de bem-estar como satisfação com a vida, satisfação com a situação financeira do lar e felicidade estão todas positivamente associadas à confiança. Parece, portanto, que não é necessário ser objetivamente um “vencedor” para exibir maior confiança, mas sim sentir-se como um. Uma vez que felicidade e satisfação com a vida estão intimamente ligados à socialização, isso parece fornecer alguma evidência para a hipótese de que a confiança interpessoal é ao menos parcialmente desenvolvida durante os primeiros estágios da socialização (USLANER, 2002; HARDIN, 2001). No entanto, os resultados do modelo parecem contradizer a visão de Uslaner (1999), uma vez que o senso de escolha e controle sobre a própria vida está significativamente mas negativamente associado à confiança interpessoal (-.014,  $p < .05$ ). Frequentar regularmente serviços religiosos está positivamente relacionado com confiança (.082,  $p < .01$ ). Embora a hipótese do associativismo não possa ser diretamente testada aqui devido à ausência da variável de associativismo na quarta onda do WVS, a variável de frequência em serviços religiosos fornece alguma medida de evidência de que a interação regular em associações em uma comunidade leva a uma maior confiança interpessoal.

Já em relação às variáveis no nível 2, o PIB per capita não possui uma relação estatisticamente significativa com confiança interpessoal. Isso é compatível com pesquisas anteriores sobre confiança (RAPP, 2016). É preciso ressaltar, no entanto, que a seleção de casos neste estudo é composta principalmente por países de baixa renda e alguns países de renda média. O PIB per capita mais alto na amostra é de 251,05 dólares de 2010, enquanto o valor mais alto é de modestos 13.267,70. Como países mais ricos na base de dados do WVS geralmente possuem níveis maiores de confiança, é possível que a inclusão de países das demais zonas culturais alterasse a relação significativamente. O índice GINI apresenta o efeito mais forte dentre todas variáveis no modelo. Comparado à perfeita distribuição de renda (GINI = 0), um aumento de um ponto na escala de 100 pontos da variável aumentaria as chances de confiar em 7,9% para todos indivíduos em uma sociedade. Apesar de a relação não ser linear, e sim mediada pela função logit, isso evidencia a forte relação entre desigualdade econômica e desconfiança. Já a principal variável de interesse do modelo, Guerra Civil, mostra uma associação fraca e positiva com confiança interpessoal. No entanto, a relação não é estatisticamente significativa. Portanto, a hipótese nula de não associação entre guerras civis e confiança interpessoal não pôde ser rejeitada.

O modelo de intensidade da guerra civil (Modelo 2) verifica se há uma relação entre a duração e a intensidade de guerras civis e a confiança interpessoal. O modelo inclui os 26 casos de guerras civis do Modelo 1 como suas unidades no segundo nível, e seus efeitos estão expostos na Tabela 9. Como 25 casos no nível 2 é um número perigosamente próximo ao limite inferior do número de casos necessários para um modelo multinível, duas variáveis de controle (Escala de renda e Satisfação com a situação financeira do lar) foram removidas do modelo para possibilitar a adição de mais dois casos para um modelo mais robusto – Filipinas [1996] e Colômbia [2005].

Os resultados são similares aos do Modelo 1. O índice GINI segue como um poderoso preditor da confiança interpessoal, porém agora é significativo apenas a  $p < .01$ . O PIB per capita, o nível educacional e a liberdade de escolha e controle sobre a própria vida não possuem uma relação estatisticamente significativa com a variável dependente. Frequentar serviços religiosos regularmente, satisfação com a vida e felicidade continuam sendo preditores importantes, assim como a idade. Finalmente, nenhuma das três variáveis relacionadas à duração e a intensidade das guerras civis possui associação estatisticamente significativa com confiança interpessoal. O número de pessoas assassinadas e a duração de guerras civis não parecem ter um pacto negativo sobre a probabilidade de confiar nos outros.

Como foi argumentado na seção anterior, é possível que o marco de 1.000 mortes seja arbitrário demais e possa obscurecer uma possível relação entre guerra civil e confiança interpessoal. Dessa forma, o modelo de intensidade do conflito armado interno (Modelo 3) relaxa a exigência de um determinado número de vítimas a fim de incluir todos os casos de conflito armado interno. Isto também resulta em um número de casos no segundo nível em comparação ao Modelo 2, o que torna o modelo multinível mais robusto. Os resultados podem ser vistos na Tabela 10.

Os coeficientes deste modelo mais amplo não diferem grandemente do que foi observado nos modelos 1 e 2. As variáveis relacionadas à intensidade do conflito mais uma vez não tiveram associação estatisticamente significativa com a confiança. Neste modelo, no entanto, a duração do conflito apresentou uma relação estatisticamente significativa e negativa com confiança interpessoal ( $-.063$  a  $p < .05$ ). Isto indica que quanto maior a duração do conflito armado interno enfrentado por um país, menor a probabilidade de que seus habitantes confiem.

Tabela 10 - Modelo 2 – Modelo de Intensidade da Guerra Civil: efeitos fixos

Termo do Modelo	Coeficiente	Erro padrão	t	Sig.	95% Intervalo		Exp(Coeficiente)	95% Intervalo confiança	
					Inferior	Superior		Inferior	Superior
<b>Variáveis Nível 2</b>									
Intercepto	-,039	1,0009	-,039	,969	-2,001	1,923	,962	,135	6,839
GINI	-,050	,0269	-1,874	,061	-,103	,002	,951	,902	1,002
PIB per capita	2,520E-5	5,863-5	,430	,667	-8,9E-5	,000	1,000	1,000	1,000
Duração da guerra civil	-,057	,0570	-1,002	,316	-,169	,055	,945	,845	1,056
Intensidade da guerra	3,311E-5	3,7E-5	,885	,376	-4,0E-5	,000	1,000	1,000	1,000
Intensidade/pop	,000	,0002	-,526	,599	-,001	,000	1,000	,999	1,000
<b>Variáveis Nível 1</b>									
<b>Sexo=1*</b>	-,083	,0258	-3,223	,001	-,134	-,033	,920	,875	,968
<b>Sexo=0</b>	0 <sup>b</sup>	.	.	.	.	.	.	.	.
<b>Idade*</b>	,004	,0009	4,604	,000	,002	,006	1,004	1,002	1,006
Nível educacional	-,002	,0054	-,420	,675	-,013	,008	,998	,987	1,008
Liberdade de escolha	,009	,0053	1,646	,100	-,002	,019	1,009	,998	1,019
<b>Felicidade =3*</b>	,408	,0781	5,229	,000	,255	,561	1,504	1,291	1,753
<b>Felicidade=2*</b>	,352	,0730	4,818	,000	,209	,495	1,422	1,232	1,640
<b>Felicidade=1</b>	,134	,0745	1,804	,071	-,012	,281	1,144	,988	1,324
<b>Felicidade=0</b>	0 <sup>b</sup>	.	.	.	.	.	.	.	.
<b>Satisfação com a vida*</b>	,045	,0063	7,105	,000	,032	,057	1,046	1,033	1,059
<b>Frequência religiosa=2*</b>	,071	,0316	2,249	,025	,009	,133	1,074	1,009	1,142
<b>Frequência religiosa =1</b>	,150	,0366	4,109	,000	,079	,222	1,162	1,082	1,249
<b>Frequência religiosa =0</b>	0 <sup>b</sup>	.	.	.	.	.	.	.	.

Probabilidade de distribuição: Binomial

Função Link: Logística

a. Alvo: Most people can be trusted

b. Coeficiente é 0 pois é redundante.

\* Estatisticamente significativo a  $p < 0.5$

Tabela 11 - Modelo 3 – Modelo de intensidade do conflito armado interno: efeitos fixos

Termo do Modelo	Coeficiente	Erro			95% Intervalo		Exp(Coeficiente)	95% Intervalo confiança	
		padrão	t	Sig.	Inferior	Superior		Inferior	Superior
<b>Variáveis Nível 2</b>									
Intercepto	,335	,5517	,608	,543	-,746	1,417	1,398	,474	4,123
GINI	-,044	,0135	-3,279	,001	-,071	-,018	,957	,932	,982
PIB per capita	1,295E-5	4,3E-5	,299	,765	-7,2E-5	9,79E-5	1,000	1,000	1,000
Duração da guerra civil	-,063	,0248	-2,544	,011	-,112	-,014	,939	,894	,986
Intensidade da guerra	1,228E-5	1,9E-5	,637	,524	-2,5E-5	5,00E-5	1,000	1,000	1,000
Intensidade/pop	,000	,0002	-1,386	,166	-,001	,000	1,000	,999	1,000
<b>Variáveis Nível 1</b>									
<b>Sexo=1*</b>	-,086	,0185	-4,647	,000	-,122	-,050	,917	,885	,951
<b>Sexo=0</b>	0 <sup>b</sup>	.	.	.	.	.	.	.	.
<b>Idade*</b>	,004	,0007	5,895	,000	,003	,005	1,004	1,003	1,005
Nível educacional	-,012	,0040	-2,943	,003	-,020	-,004	,988	,981	,996
Liberdade de escolha	,002	,0039	,427	,670	-,006	,009	1,002	,994	1,009
<b>Felicidade =3*</b>	,491	,0602	8,151	,000	,373	,609	1,634	1,452	1,839
<b>Felicidade=2*</b>	,373	,0575	6,497	,000	,261	,486	1,453	1,298	1,626
<b>Felicidade=1</b>	,096	,0590	1,629	,103	-,020	,212	1,101	,981	1,236
<b>Felicidade=0</b>	0 <sup>b</sup>	.	.	.	.	.	.	.	.
<b>Satisfação com a vida*</b>	,031	,0044	7,048	,000	,022	,039	1,031	1,022	1,040
<b>Frequência religiosa=2*</b>	,069	,0236	2,907	,004	,022	,115	1,071	1,023	1,122
<b>Frequência religiosa =1</b>	,067	,0276	2,414	,016	,013	,121	1,069	1,013	1,128
<b>Frequência religiosa =0</b>	0 <sup>b</sup>	.	.	.	.	.	.	.	.

Probabilidade de distribuição: Binomial

Função Link: Logística

a. Alvo: Most people can be trusted

b. Coeficiente é 0 pois é redundante.

\* Estatisticamente significativo a  $p < 0.5$

Por fim, foi realizada uma última tentativa de verificar se existe uma relação entre a intensidade do conflito armado interno e a confiança interpessoal. Os modelos 4 e 5 são quase idênticos ao modelo três, porém cada um inclui um par de variáveis de intensidade do conflito com um método diferente de mensuração. As variáveis no Modelo 4 medem a intensidade do conflito através do número de mortes relacionadas a batalhas durante os cinco anos anteriores ao survey, enquanto as do Modelo 5 utilizam um período de tempo de dez anos. Como as variáveis de intensidade são medidas por um período específico de tempo, estes últimos modelos não incluem uma variável para a duração dos conflitos. Os resultados do modelo podem ser vistos na Tabela 11.

Tabela 12 - Modelos 4 e 5- Modelos de intensidade do conflito de 5 e 10 anos: efeitos fixos

	Modelo 4		Modelo 5	
	Coefficiente	Sig	Coefficiente	Sig
Intensidade 5 anos	-3,868E-6	.909	-	-
Intensidade/pop 5 anos	-7,635E-5	.839	-	-
Intensidade 10 anos	-	-	-7,332E-6	.738
Intensidade/pop 10 anos	-	-	-6,805E-5	.788

Os modelos 4 e 5 corroboram os achados dos modelos anteriores. Eles fornecem evidências adicionais sobre a ausência de uma relação entre a intensidade de conflitos armados internos medida em mortes relacionadas a batalhas e confiança interpessoal. Os resultados dos modelos são discutidos na próxima seção.

## 6 Discussão e conclusões

Este estudo de natureza quantitativa testou a associação entre guerras civis e confiança interpessoal generalizada em uma configuração *crossnational* através de modelos de regressão logística multinível. Ele utilizou variáveis tanto do nível individual como do nível nacional para controlar por fatores comumente associados à confiança interpessoal em uma tentativa de isolar o efeito hipotético de guerras civis sobre a confiança. Além disso, diferentes medidas de intensidade e duração dos conflitos e três diferentes configurações de casos foram adotadas para auxiliar no teste da validade dos resultados.

O Modelo 1, o modelo geral de guerras civis, utilizou uma variável de guerra civil baseada no tempo e na intensidade do conflito. Ele considerou como casos de guerras civis todas as díades país-ano que sofreram com conflitos armados internos com 1.000 ou mais mortes em ao menos um dos cinco anos anteriores ao survey. O modelo intercepto do Modelo 1 mostrou que aproximadamente 14,4% da

variância na confiança social está entre países e não no nível individual. No entanto, o modelo não forneceu evidências conclusivas sobre a relação entre a ocorrência de guerras civis e confiança interpessoal. O coeficiente *log-odds* não somente foi baixo, como apontou na direção oposta das expectativas teóricas. Além disso, a relação não foi estatisticamente significativa (-.056,  $p = .729$ ), portanto a hipótese nula não pôde ser rejeitada.

O Modelo 2 testou a associação entre a intensidade e a duração do conflito e a confiança interpessoal. Ele incluiu três variáveis novas: uma para a duração do conflito, outra para a intensidade medida em mortes relacionadas a batalhas durante o conflito, e a última para a intensidade relativa da guerra, ou seja, número de mortes relacionadas a batalhas durante o conflito dividido pela média entre a população no seu início e em seu término. Esse modelo incluiu apenas os casos país-ano classificados como guerras civis no Modelo 1. Nenhuma das três variáveis incluídas no modelo mostrou uma associação estatisticamente significativa com confiança interpessoal.

Já o Modelo 3 foi construído para verificar se a falta de associação entre guerras civis e confiança interpessoal nos modelos 1 e 2 foi devido à classificação restrita de guerra civil empregada (> 999 mortes em um ano). Assim, ele utilizou as mesmas três variáveis de guerra civil – intensidade, intensidade relativa e duração – mas incluiu um número maior de casos a fim de representar todos os conflitos armados ao invés de apenas aqueles que superaram o marco de 999 mortes. Novamente, as variáveis relativas à intensidade do conflito não mostraram nenhuma relação estatisticamente significativa com a confiança. A variável de duração do conflito, por outro lado, está associada negativamente com a confiança interpessoal, e a relação é estatisticamente significativa. Isto fornece evidência de que quanto mais longo o conflito armado em um país, menor o nível de confiança interpessoal generalizada ou, dito de outra forma, menor a probabilidade de que seus habitantes confiem.

A fim de testar ainda mais a possível associação entre intensidade do conflito e confiança, os modelos 4 e 5 adotaram uma definição mais estrita de intensidade do conflito. Eles incluíram apenas as mortes relacionadas a batalhas dos últimos cinco ou dez anos antes do survey, respectivamente. Como os efeitos de guerras civis tendem a dissipar-se com o tempo (DE JUAN e PIERSKALLA, 2016), propósito destes últimos modelos foi testar uma mensuração de intensidade que corresponda somente aos efeitos ainda recentes das guerras civis. Mais uma vez, as variáveis de intensidade do conflito não apresentaram uma relação estatisticamente significativa com a confiança interpessoal.

Estes resultados vão contra um estudo anterior que encontrou uma associação negativa robusta entre experiências de guerra pessoais ou no nível das comunidades e confiança no caso do Kosovo (KIJEWski e FREITAG, 2018). Em um estudo utilizando a base de dados “*Life in transition*” do Banco Mundial, os autores encontraram uma relação estatisticamente significativa entre ter sido pessoalmente afetado pela guerra ou viver em comunidades impactadas por ela e a probabilidade de confiar nos outros. Deve-se observar, no entanto, que o estudo de Kijewski e Freitag permitia identificar indivíduos que sofreram diretamente afetados pela guerra, o que não é o caso aqui. Portanto, a comparação foi feita não entre sociedades que enfrentaram guerras civis e sociedades que não, mas sim entre indivíduos que tiveram experiências pessoais com a guerra e aqueles que não, e entre comunidades que foram diretamente afetadas pela violência do conflito e aquelas que não. Além disso, poucos casos de guerras civis incluídos neste estudo foram tão intensos como a guerra no Kosovo, abrangeu quase a totalidade do território e envolveu deslocamentos forçados de massa e genocídio.

Os resultados deste estudo também vão contra o único *crossnational* entre confiança interpessoal, que foi realizado por Traumuller et al (2015). Traumuller e colegas verificaram que indivíduos que viveram a maior parte de suas vidas durante guerras civis apresentavam menor probabilidade de confiar em seus vizinhos, em estranhos e em pessoas de outras religiões. Yaylaci (2018), por outro lado, ao analisar o conflito étnico na Turquia e o conflito ideológico no Peru, concluiu que conflitos armados internos baseados em divisões ideológicas reduzem a confiança interpessoal generalizada, enquanto aqueles baseados em divisões étnicas não afetam a confiança interpessoal generalizada, mas reduzem a confiança intergrupo e aumentam a confiança intragrupo. Shewfelt (2009), no entanto, não encontrou evidências robustas de que guerras civis possuem um efeito sobre a confiança. Assim, a literatura sobre a relação entre guerras civis e confiança é permeada por resultados mistos e contraditórios, o que pode ser causado pelas diferentes configurações de análise empírica, que envolvem experimentos no campo, estudos de caso, comparações *small-n* e estudos *crossnational* e pelos diferentes métodos de mensuração dos efeitos de guerras civis, incluindo os limites temporais adotados e o nível de análise.

Neste estudo, eu forneci evidências de que 1) a ocorrência de guerras civis não está associada com a confiança pessoal generalizada; 2) a intensidade do conflito armado interno medida pelo número de mortes relacionadas a batalhas não possui relação com confiança interpessoal; 3) a duração de conflitos armados internos está negativamente associada com a confiança interpessoal, ou seja, quanto mais longo o conflito armado interno em um país, menor a probabilidade de que seus habitantes

confiem uns nos outros. A falta de associação entre a ocorrência de guerras civis e confiança (Modelo 1), no entanto, se deu provavelmente devido à abordagem culturalista empregada na seleção de casos. Selecionar todos os casos país-ano presentes nas quatro ondas do WVS examinadas aqui incluiria dezenas de países com altos índices de confiança no grupo Sem Guerra Civil, e provavelmente exibiria uma associação negativa entre guerra civil e confiança. Não obstante, acredito que a abordagem seguida aqui permite uma avaliação mais realística do assunto. Uma vez que países pertencentes às zonas Protestante, Falante de inglês, Confucianista e Europa Católica todos apresentam níveis altos de confiança interpessoal se comparados às demais zonas e apresentam pouquíssimos casos de ocorrência de guerras civis nos últimos 30 anos, incluí-los no modelo conduziria a resultados espúrios associando negativamente guerras civis à confiança interpessoal.

É possível, ainda, que o fato de que o coeficiente *logs-odd* da variável Guerra Civil é positivo (embora não significativo) indique que os mecanismos de superação das dificuldades das guerras civis estejam associados a maior confiança interpessoal, uma vez que através deles os indivíduos desenvolvem maior força pessoal, comportamentos pró-sociais e novas formas de encarar a vida, como sugere a literatura sobre CPT (TEDESCHI e CALHOUN, 2004). É também possível que, no nível da comunidade, a luta contra a insegurança material trazida pela guerra e a desarticulação das associações e redes pré-guerra levem a novas formas de solidariedade comunitária e intragrupos que poderiam aumentar a confiança. Não obstante, como a associação não é estatisticamente significativa, este estudo permanece inconclusivo a este respeito.

Além disso, o fato de que a intensidade do conflito não está associada à confiança mas a sua duração está pode indicar que experiências individuais ou comunitárias com a violência, deslocamento forçado e medo não estão diretamente relacionadas à confiança, mas a polarização e as animosidades no nível nacional que resultam das guerras civis podem estar, e provavelmente erodem a confiança ao longo do tempo. No entanto, é inteiramente possível que possíveis relações entre a ocorrência de guerras civis e a confiança interpessoal, por um lado, e a intensidade do conflito e a confiança, por outro, tenham sido obscurecidas pelos casos de guerras civis presentes aqui. Muitos dos casos considerados guerras civis neste estudo podem ser brandos demais para gerar efeitos no nível individual que sejam numerosos o suficiente para serem capturados por surveys no nível nacional. Felizmente, guerras civis de larga-escala não são muito frequentes, e dados confiáveis que permitam estudos comparativos, longitudinais ou *crossnational* destas sociedades são ainda mais raros. Mais comuns são dados de sociedades que passam por conflitos armados internos restritos a territórios longínquos e

relativamente isolados, como a Chechênia na Rússia, o Curdistão na Turquia, ou a Caxemira na Índia, todos inclusos nesta análise. Nestes casos, embora a guerra civil impacte fortemente os habitantes destes territórios, suas consequências em termos de experiências pessoais com guerras dificilmente alcançam uma parte significativa da população e por isso não são adequadamente capturados por surveys nacionais como o *World Values Survey*. Isso poderia explicar por que Kijewski e Freitag (2018) encontraram uma relação robusta entre experiências pessoais e comunitárias com a guerra civil e confiança interpessoal enquanto eu não encontrei relação entre guerras civis no nível nacional e confiança interpessoal.

Por fim, os resultados deste estudo evidenciam a necessidade de mais pesquisas de natureza *crossnational* sobre a relação entre guerras civis e confiança. As dificuldades empíricas e operacionais que permeiam as pesquisas sobre confiança em sociedades pós-conflito não podem desencorajar estudos futuros. Mais dados estarão disponíveis conforme guerras civis de alta intensidade como aquelas no Iraque, Síria e Iêmen chegam ao fim, e novas oportunidades de avaliar empiricamente os efeitos sociais de guerras civis devem surgir. Futuros estudos de natureza *cross-national* poderão ainda utilizar novos dados da sétima onda do WVS para aumentar o número de casos no nível 2 disponíveis. Isto permitiria a criação de um modelo multinível similar ao Modelo 1, porém com uma variável categórica que diferencie entre guerras civis de acordo com sua intensidade. Será possível ainda contar com um número suficiente de casos no nível 2 para ajustar modelos multinível com diferentes questões de confiança, como as variáveis de confiança intragrupo e intergrupos que foram introduzidas na quinta onda.

Guerras civis continuam sendo o mais prevalente e destrutivo tipo de conflito armado. Assim, a importância de se destringir e entender suas consequências sociais permanecesse urgente.

## Referências

ABASCAL, M.; BALDASSARRI, D. Love thy neighbor? Ethnoracial diversity and trust reexamined. *American Journal of Sociology*, v. 121, n.3, p. 722-782, 2015.

ALMOND, G. A.; VERBA, Sydney. **The civic culture: political attitudes in five western democracies**. Princeton: Princeton University Press, 1963.

BAQUERO, M. Desconfiança como fator de instabilidade política na América Latina. In: BAQUERO, M; CASTRO, H. C. O.; GONZÁLEZ, R. (eds). **A construção da democracia na América Latina: estabilidade, processos eleitorais, cidadania e cultura política**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998.

BELLOWS, J.; MIGUEL, E. War and the local collective action in Sierra Leone. **Journal of public economics**, v. 93, n. 11, p. 1144-1157, 2009.

BLATTMAN, C. From violence to voting: war and political participation in Uganda. **American Political Science Review**, v. 103, n.2, 231-247, 2009.

BLATTMAN, C.; MIGUEL, E. Civil War. **The journal of economic literature**, v. 48, n. 1, p. 3-57, 2010.

CALL, C. T. **Why peace fails: the causes and recurrence of civil wars**. Washington: Georgetown University Press, 2012.

CALL, C. T.; WYETH, V. **Building states to build peace**. London: Lyenne Rienner, 2008.

CASSAR, A; GROSJEAN, P.; WHITT, S.; Legacies of violence: trust and market development. **Journal of Economic Growth**, v. 18, n. 3, 285-318, 2013.

COLEMAN, J. S. **The foundations of social theory**. Cambridge: Harvard University Press, 1990.

COLLETA, N. J.; CULLEN, M. L. Violent conflict and the transformation of social capital: lessons from Cambodia, Rwanda, Guatemala and Somalia. Washington, D.C.: The World Bank, 2000.

COLLIER, P. et al. **Breaking the conflict trap: civil war and development policy**. Oxford: Oxford University Press, 2003.

DE JUAN, A.; PIERSKALLA, J. H. Civil war violence and political trust: microlevel evidence from Nepal. **Conflict management and peace science**, v. 33, n. 1, p. 67-88, 2016.

DELHEY, J.; NEWTON, K. Who trusts? The origins of social trust in seven societies. **European Societies**, v. 5, n. 2 p. 93-137, 2003.

ETZIONI, A.. Is bowling together sociologically lite? **Contemporary Sociology**, v. 30, n. 3, p. 223-250, 2001.

FUKUYAMA, F. **Trust: social virtues and the creation of prosperity**. Free Press: New York.

\_\_\_\_\_. Social capital, civil society and development. **Third World Quarterly**, v. 22, p. 7-20, 2001.

HARDIN, R. Conceptions and explanations of trust. In: COOK, K. S. (ed.) **Trust in society**. New York: Russell Sage Foundation, p. 3-39, 2001.

INGLEHART, R. **Modernization and postmodernization: cultural, economical and political change change in 43 societies**. Princeton: Princeton University Press, 1997.

\_\_\_\_\_. Trust, well-being and democracy. In: WARREN, M. E. (ed.) **Democracy and trust**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 88-120, 1999.

INGLEHART, R.; WELZEL, C. **Modernization, cultural change and democracy: the human development sequence**. New York: Cambridge University Press, 2005.

INGLEHART, R.; HAERPFER, C.; MORENO, A.; WELZEL, C.; KIZILOVA, K.; DIEZ-MEDRANO, J.; LAGOS, M.; NORRIS, P.; PONARIN, E.; PURANEN, B. et al. (eds.). **World Values Survey: All Rounds - Country-Pooled Datafile Version**. Madrid: JD Systems Institute, 2014.  
Disponível em: <<http://www.worldvaluessurvey.org/WVSDocumentationWVL.jsp>>. Acessado em: 16/08/2018.

ISHIYAMA, J.; HEGAREDA, F. C. B.; PULIDO, A.; ALMARAZ, B. What are the effects of large-scale violence on social and institutional trust? Using civil war literature to understand the case of Mexico, 2006-2012. **Civil Wars**, v. 20, n.1, p. 1-23, 2018.

KALYVAS, S. N. **The logic of violence in civil war**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

KNACK, S.; KEEFER, P. Does social capital have an economic payoff? A cross-country investigation. **The Quarterly Journal of Economics**, v. 112, n. 4, p. 1251-1288, 1997.

KIJEWSKI, S.; FREITAG, M.; Civil war and the formation of social capital in Kosovo: posttraumatic growth or war-related distress? **Journal of Conflict Resolution**, v 62, n. 4, p. 717-742, 2018.

LUNDASEN, S. Podemos confiar nas medidas de confiança? **Opinião Pública**, v. 8, n.2, p. 304-327, 2002.

MOUSA, S. Overcoming the trust deficit: an experiment on intergroup contact and soccer in post-ISIS Iraq. Working Paper, 2018.

NEWTON, K. **Social trust and political disaffection: social capital and democracy**. EURESCO Conference on Social Capital, 2001.

NEWMAN, E. **Understanding civil wars: continuity and change in intrastate conflict**. London: Routledge, 2014.

PARIS, R. **At war's end: building peace after civil conflict**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

PATTERSON, O. Liberty against the democratic state: on the historical and contemporary sources of American distrust. In: WARREN, M. E. (ed) **Democracy and trust**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

PETTERSON, T.; ECK, K. Organized violence, 1989-2017. **Journal of Peace Research**, v. 55, n. 4, 2018.

PUTNAM, R. D. **Making democracy work: civic traditions in modern Italy**. Princeton: Princeton University Press.

\_\_\_\_\_. **Bowling alone: the collapse and revival of American community**. New York: Simon and Schuster.

\_\_\_\_\_. E pluribus unum: diversity and community in the twenty-first century. **Scandinavian Political Studies**, v. 30, n.2, p. 137-174, 2007.

RAPP, C. Moral opinion polarization and the erosion of trust. **Social Science Research**, v.58, p. 34-45, 2016.

REIS, B. P. W. Capital social e confiança: questões de teoria e de método. **Revista de Sociologia Política**, v. 11, n. 21, p.35-49, 2003.

RICHMOND, O. P.; FRANKS, J. **Liberal Peace transitions: between statebuilding and peacebuilding**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2009.

ROHNER, D.; THOERIG, M.; ZILIBOTTI, F.; Seeds of distrust: conflict in Uganda. **Journal of Economic Growth**, v. 18, p. 217-252, 2013.

SELIGSON, M. A.; RENNÓ, L. R. Mensurando confiança interpessoal: notas acerca de um conceito multidimensional. **Dados – Revista de Ciências Sociais**, v. 43, n. 4, p. 783-803, 2000.

SHEWFELT, S. D.; **Legacies of war: social and political life after wartime trauma**. New Haven: Yale University Press, 2009.

TEDESCHI, R. G.; CALHOUN, L. G. The post-traumatic growth inventory: measuring the positive legacy of trauma. **Journal of traumatic stress**, v. 9, p. 455-471, 1996.

TEDESCHI, R. G.; CALHOUN, L. G. Posttraumatic growth: conceptual foundations and empirical evidence. **Psychological inquiry**, v. 15, n. 1, p. 1-18, 2004.

USLANER, E. P. Democracy and social capital. In: WARREN, Mark (ed). **Democracy and trust**, Cambridge: Cambridge University Press: p. 121-150, 1999.

\_\_\_\_\_. Producing and consuming trust. **Political science quarterly**, v. 111, n.4, p. 269-590, 2000.

\_\_\_\_\_. **The moral foundations of trust**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

VOORS, M. J.; BULTE, E. H. Conflict and the evolution of institutions at the local level in Burundi. **Journal of Peace Research**, v. 51, n. 4, 455-469, 2013.

WALTER, B. F. Does conflict beget conflict? Explaining recurring civil war. **Journal of Peace Research**, v. 41, n. 3, p. 371-388, 2004.

WOOD, E. J. **Insurgent collective action and civil war in El Salvador**. New York: Cambridge University Press, 2003.

WOOD, E. J. The social processes of civil war: the wartime transformation of social networks. **Annual Review of Political Science**, v. 11, p. 539-561, 2008.

YAMAGISHI, T. Trust as a form of social intelligence. In: COOK, K. S. (ed.) **Trust in society**. New York: Russell Sage Foundation, p. 121-147, 2001.

YAMAGISHI, T.; YAMAGISHI, M. **Trust and commitment in the United States and Japan**. **Motivation and Emotion**, v. 18, n. 2, p. 129-166, 1993.

## Apêndice

Tabela A – Operacionalização das variáveis do nível nacional

Variável	Operacionalização	Estatística descritiva (Modelo 1)
Confiança interpessoal (variável dependente)	Resposta individual para a seguinte questão: <i>Generally speaking, would you say that most people can be trusted or you that you need to be very careful when dealing with people?</i>	0 = 79.4%
	Recodificada: 0 = <i>need to be very careful</i> ; 1 = <i>most people can be trusted</i>	1 = 20.6%
Guerra Civil	1 = o país sofreu ao menos um ano de guerra civil* nos cinco anos que precederam o trabalho de campo do <i>World Values Survey</i> ; 0 = todos os outros casos.	0 = 78.6
	* São considerados anos de guerra civil aqueles em que houve ao menos 1.000 mortes relacionadas a batalhas em conflitos armados internos.	1 = 21.4
Duração da guerra civil	O tempo, em anos, transcorrido desde o início dos conflitos armados internos ativos até o ano de realização do survey. Caso não existam conflitos armados internos ativos no ano do survey: o tempo, em anos, transcorrido desde o início dos conflitos anteriores até o ano em que todos os conflitos armados chegaram ao fim no país. A contagem reinicia depois de cinco anos	-

	sem conflitos armados internos.	
Intensidade da Guerra Civil	O número de mortes relacionadas a batalhas em conflitos armados internos que estão em curso ou chegaram ao fim em um nos cinco anos que precederam o survey. Nos modelos 4 e 5, o número de mortes relacionadas a batalhas em conflitos armados internos nos últimos 5 e 10 anos, respectivamente.	-
Intensidade/pop da Guerra Civil	A variável de Intensidade da Guerra Civil dividida pela média da população (em milhões de habitantes) do país no início e no fim do conflito ou no ano anterior ao survey, o que vier primeiro.	-
GDP	World Bank's GDP per capita in 2010 US dollars for the year before to the World Values Survey fieldwork, grand-mean centered and standardized.	Mean: 4,350 Sd: 3,386 Min: 251 Max: 13,518
GINI index	World Bank's country estimate for the year before the World Values Survey fieldwork. In case there is no estimate for that year, the estimate for the closest year is used.	Mean: 40.39 Sd: 8.74 Min: 16.6 Max: 63.4

\* Fonte: variáveis de guerra civil e conflito armado foram calculadas através do Battle-related deaths 1989-2018 dataset do UCDP (Pettersen e Eck, 2018). Variáveis socioeconômicas foram retiradas do Banco Mundial.

Tabela B – Operacionalização das variáveis do nível individual

Variável	Operacionalização	Estatística descritiva (Modelo 1)
Confiança interpessoal (variável dependente)	Resposta individual para a seguinte questão: <i>Generally speaking, would you say that most people can be trusted or you that you need to be very careful when dealing with people?</i> Recodificada: 0 = <i>need to be very careful</i> ; 1 = <i>most people can be trusted</i>	0 = 79.4% 1 = 20.6%
Sexo	Variável dummy com 0 = homem e 1 = mulher.	0 = 49.3 1 = 50.7
Idade	Idade autoreportada centralizada na grande média.	Mean: 0.03 (38.99) Sd: 15.42 Min: -23.99 Max: 63.01
Nível educacional	Nível de educação mais alto atingido pelo respondente. Escala de 9 pontos que vai de 0 = sem educação formal a 8 = educação universitária com diploma.	Mean: 4.17 Sd: 2.46 Min: 0

		Max: 8
Escala de renda	Escala de renda de 10 pontos, recodificada para 0 = degrau mais baixo e 9 = degrau mais alto.	Mean: 3.43 Sd: 2.25 Min: 0 Max: 9
Frequência de serviços religiosos	Resposta individual para a seguinte questão: <i>Apart from weddings and funerals, how often do you attend religious services these days?</i> As respostas variam de 1 = mais de uma vez por semana a 7 = nunca, praticamente nunca. Recodificado para 0 = nunca, praticamente nunca; 1 = às vezes; e 2 = regularmente.	0 = 31.4% 1 = 16.8% 2 = 51.7%
Satisfação com a vida	Resposta individual para a seguinte questão: <i>All things considered, how satisfied are you with your life as a whole these days?</i> Escala de 10 pontos de 0 = completamente insatisfeito a 9 = completamente satisfeito.	Mean: 5.23 Sd: 2.58 Min: 0 Max: 9
Satisfação financeira	Resposta individual para a seguinte questão: <i>How satisfied are you with the financial situation of your household?</i> Escala de 10 pontos de 0 = completamente insatisfeito a 9 = completamente satisfeito.	Mean: 4.27 Sd: 2.63 Min: 0 Max: 9
Liberdade de escolha e controle sobre a própria vida	Resposta individual para a seguinte questão: <i>Some people feel they have complete free choice and control over their lives, while other people feel that what they do has no real effect on what happens to them. Indicate how much freedom of choice and control you feel you have over the way your life turns out.</i> Recodificado para 0 = nenhuma escolha e 9 = muita escolha	Mean: 5.68 Sd: 2.56 Min: 0 Max: 9
Felicidade	Escala de felicidade autoreportada recodificada para 0 = nem um pouco feliz e 3 = muito feliz.	Mean: 2.02 Sd: 0.79 Min: 0 Max: 3

\* Fonte: base de dados longitudinal do World Values Survey (Inglehart et al, 2014).